

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Rita Von Doellinger Magalhães

**A importância da relação
professor/aluno no ensino do Instrumento**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Rita Von Doellinger Magalhães

A importância da relação professor/aluno no ensino do Instrumento

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Música

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Ricardo Barceló

janeiro de 2017

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, pelo orgulho e por tornaram tudo possível,

Agradeço ao meu irmão, pela sua presença e incentivo,

Agradeço ao Professor Gil Magalhães, que tanto me ajudou neste percurso,

Agradeço a todos os meus amigos e companheiros durante todos estes anos,

Agradeço ao meu supervisor, Professor Doutor Ricardo Barceló,

E agradeço ao Fábio, pelo apoio e pelo suporte incondicionais.

Resumo

Poucos são os autores que abordaram o tema da importância da relação professor-aluno no ensino da música, sendo este tema maioritariamente explorado na área do ensino generalista. Foi esta falta de informação que me levou a focar neste tema, levando à realização deste relatório.

Este estudo baseia-se então principalmente na observação da interação entre o aluno e o professor cooperante e entre o aluno e a minha figura enquanto professora estagiária, para tentar perceber qual a importância que o professor pode ter na vida dos alunos, conseguindo, ou não, influenciá-los a estarem mais motivados e mais empenhados no estudo do seu instrumento, mais em concretamente na flauta transversal. O objetivo principal foi então perceber esses aspetos e o que pode ser feito para melhorar toda a experiência do aluno na sua aquisição dos conhecimentos necessários.

A investigação foi realizada mediante um estudo de caso múltiplo, de modo a analisar vários dos aspetos envolvidos no ensino da música, tendo como centro a Academia de Música José Atalaya, Fafe - Portugal, durante o ano letivo de 2015/2016, com os alunos de flauta transversal, envolvendo também para uma análise mais alargada os alunos de Orquestra de Sopros, na vertente de Música de Conjunto.

A observação, o diálogo com os alunos, os inquéritos e entrevistas foram os meios que me permitiram retirar conclusões sobre o tema em estudo. A informação assim obtida ajudou-me a ter uma melhor perceção do tipo de relação que eles têm com o seu professor, e a confirmar que cada aluno vê a figura do professor de uma forma bastante própria e pessoal e que o tipo de relação estabelecida influencia o seu interesse pelo estudo do instrumento e da música em geral. Graças à investigação realizada, consegui, de facto, concluir que esta aproximação aluno/professor é benéfica para ambas as partes, no sentido de que o professor pode conhecer melhor as limitações e virtudes de cada um dos alunos, aproveitando assim as características individuais dos mesmos em prol de uma aprendizagem bem-sucedida. Portanto, este projeto de intervenção permitiu-me então verificar que um conhecimento mais aprofundado das características de personalidade de cada um dos alunos por parte do professor pode dar frutos positivos, e a partir daí desenvolver capacidades para os cativar, adaptando o seu comportamento de forma a beneficiar a relação interpessoal e a motivação para o estudo do discente.

Palavras – Chave: Relação professor-aluno; ensino da música; afetividade; interação pedagógica; flauta.

Abstract

There are few authors who approached the subject of the importance of the teacher-student relationship in music teaching, being it mostly explored in a generalist teaching sense. It was this lack of information that led me to focus on this issue, which I will develop in this report.

This study is based mainly on the observation of the interaction between the student and the cooperating teacher and between the student and my image as a trainee teacher, to try to understand the importance that the teacher can have on the lives of the students, managing or not to influence them to be more motivated and more committed to the study of the student's instrument, the transverse flute, to be more precise. The main goal was then to understand these aspects and what can be done to improve the overall experience of the student in the achievement of the required knowledge.

The research was conducted through a multiple case study to analyse several of the aspects involved in music teaching, having as its center the Academia de Música José Atalaya, Fafe - Portugal, during the academic year 2015/2016, with the students of transverse flute, and for a broader analysis also involving students of the Wind Orchestra, in the Music for Groups area.

The observation, the dialogue with the students, the surveys and the interviews were the means which enabled me to draw conclusions about the topic under study. The information thus obtained has helped me to have a better perception of what kind of relationship they have with their teacher, and to validate that each student sees the figure of the teacher in a very unique and personal way and that the kind of relationship established influences their interest for the study of the instrument and of music in general. Thanks to the research undertaken, I could conclude that, in fact, this proximity student/teacher is beneficial to both parts, in the sense that the teacher can understand better the limitations and virtues of each of the students, thus taking advantage of the individual characteristics for a successful learning. Therefore, this interventional project enabled me to ascertain that a deeper knowledge by the teacher of the personality characteristics of each of the students can be productive, and thencefor to develop capacities to captivate, adjusting their behaviour to benefit the interpersonal relationship and the motivation for the studying of the learner.

Key Words: teacher-student relationship; music teaching; affection; pedagogical interaction; the flute.

Índice

Declaração	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Índice	ix
1. Introdução	1
2. Contexto e plano geral de Intervenção	3
2.2 Caraterização dos intervenientes	5
3. Registo e observação de aulas coletivas	7
3.1 Problemática.....	8
3.2 Objetivos.....	8
4. Metodologia.....	11
4.1 Grelhas de observação não participante.....	11
4.2 Grelhas de observação participante	12
4.3 Inquéritos.....	12
4.4 Recolha de informação de escrita suplementar	12
4.5 Entrevista	12
5. Enquadramento Teórico	13
6. Desenvolvimento e avaliação da intervenção.....	25
6.1 Registos de observação	25
6.1.1 Aluno A	26

6.1.2	Aluna B	27
6.1.3	Aluna C	27
6.1.4	Orquestra	28
7.	Recolha de informação de escrita suplementar	31
7.1	Aluna A	31
7.2	Aluna B	31
7.3	Aluna C	32
8.	Instrumentos de recolha de dados.....	33
8.1	Análise dos resultados recolhidos.....	33
8.1.1	Inquérito	33
8.1.2	Entrevista aos professores	40
9.	Apresentação de resultados	43
10.	Conclusão.....	47
11.	Bibliografia.....	49
12.	Anexos.....	53
	Anexo I – Textos redigidos pelos alunos de flauta Transversal	53
	Anexos II – Inquéritos realizados pelos alunos	56
	Anexo III – Entrevistas realizadas aos professores cooperantes	86

1. Introdução

No presente trabalho abordamos o tema A importância da relação professor-aluno no ensino do instrumento porque consideramos que a pedagogia atual do ensino especializado na música foca-se principalmente no que está relacionado com o aluno, mas sem aprofundar significativamente nas características que deve ter ou desenvolver um docente de instrumento.

A nosso ver, o principal desafio radica na motivação de certos alunos que, a certo ponto da aprendizagem, perdem o entusiasmo e o interesse no estudo do instrumento e de outras disciplinas ligadas com o ensino da música. Achemos que conseguir que estes alunos “em crise” voltem a gostar do que fazem é um dos aspetos fulcrais do verdadeiro processo de ensino-aprendizagem, e que a solução pode surgir da conexão emocional positiva entre o professor e o aluno.

Apoiada na nossa pequena experiência como docente, mas contando, naturalmente, com a nossa vivência como estudante, conseguimos perceber a importância que o professor pode e deve ter na vida do aluno, sendo este assunto um pouco esquecido e até desvalorizado na área do ensino da música.

A pesquisa também procurou características que é conveniente possuírem os docentes para otimizar o processo de aprendizagem. José Lopes e Silva et al. (2010) elencam algumas características do professor que levam a um melhor desempenho dos alunos, referindo que aspetos como a construção de um bom ambiente relacional entre as duas partes só irá beneficiar a aprendizagem e assegurar os resultados escolares mais elevados.

Por conseguinte, foi relevante analisar certas estratégias que podem ser aplicadas para melhorar a relação emocional professor-aluno com objetivos pedagógicos, para tornar a aprendizagem mais interessante e eficaz para os alunos. Nesse sentido, a análise do comportamento dos alunos durante a fase de observação, permitiu-nos realizar uma intervenção muito mais eficaz, de acordo com os objetivos previstos.

Durante a investigação analisamos a importância da relação professor-aluno no ensino musical, mais precisamente no ensino do instrumento. Portanto, o presente trabalho teve, entre

outros objetivos, apresentar toda a informação obtida através da consulta da literatura referente ao tema e detalhar os dados obtidos na aplicação do projeto de intervenção, dando resposta às perguntas:

- Qual é a importância da relação professor/aluno?

Que influência tem a qualidade da ligação emocional entre o aluno e o professor na motivação e na aprendizagem do aluno.

Creemos que o facto de analisar o processo de ensino, assim como avaliar os seus resultados, enriqueceu-nos enquanto docentes, particularmente na compreensão da relação emocional entre ambas as partes envolvidas, revelando certos aspetos nos que interação mútua pode acarretar benefícios práticos.

2. Contexto e plano geral de Intervenção

2.1 Caracterização da Escola – Academia de Música José Atalaya (Fafe)

O projeto de intervenção pedagógica realizou-se na Academia de Música José Atalaya, escola situada no concelho de Fafe, distrito de Braga. Esta entidade foi criada no ano de 1998 pelo Maestro José Atalaya, em parceria com a Câmara Municipal de Fafe. A escola integra-se, juridicamente, na Associação Cultural de Educação pelas Artes (ACEPA), que é uma instituição sem fins lucrativos e que tem como principal objeto o desenvolvimento cultural local ao nível da divulgação e ensino da Música no concelho de Fafe.

Desde a sua fundação, a Academia apostou no ensino da Música com a qualidade necessária ao seu reconhecimento pelo Ministério da Educação.

O ano letivo de 2003/2004 foi decisivo para a instituição, tendo ficado marcado pela entrada em funcionamento dos Cursos Complementares de Piano e Guitarra, que entretanto obtiveram reconhecimento oficial. A Academia obteve “Autorização Definitiva de Lecionação” em 16 de Janeiro de 2003, através da autorização n.º 95/DREN.

Mais tarde, em 17 de janeiro de 2012, por despacho do Sr. Diretor Regional de Educação do Norte, foi-lhe concedida Autonomia Pedagógica pelo período de três anos.

A intervenção da Academia de Música José Atalaya tem sido igualmente marcante no domínio da promoção e valorização da Música, através da organização e produção de eventos musicais a nível local e abertos a diversos tipos de público, para além da colaboração com outras entidades culturais.

A Academia de Música José Atalaya mantém um corpo docente bastante estável, constituído por cerca de 30 professores, e ensina uma população escolar que ronda os 250 alunos. Merece destaque a grande aposta no Regime Articulado, que proporciona a frequência gratuita a mais de dois terços dos alunos da instituição.

A especificidade deste ensino reside, obviamente, na formação vocacional que contém uma forte componente prática, sendo ministrado em salas específicas para o efeito, quer para aulas individuais de instrumento e canto quer para aulas de conjunto.

Esta instituição funciona, também, como um canal facilitador de comunicação e inserção social: criando disciplina de trabalho através da maximização de qualidades como o rigor técnico, a vontade, a organização, a concentração, a memória, a agilidade de raciocínio e a coordenação motora; despertando a imaginação criadora e o sentido estético; desenvolvendo o espírito crítico enquanto público; convergindo tudo, enfim, numa formação musical e artística especializada na área de Música.

2.2 Caracterização dos intervenientes

Os três alunos que participaram no projeto de intervenção pertencem a graus diferentes de ensino, nomeadamente 1.º, 2.º e 4.º graus.

A aluna A frequenta o 2.º grau – 6.º ano de escolaridade, e tem 12 anos. Com a ajuda da professora cooperante, foi possível perceber que a aluna em questão teve um desenvolvimento muito positivo logo desde o início da sua caminhada no instrumento em causa.

As aulas foram todas muito idênticas, seguindo quase sempre a mesma rotina: aquecimento, estudos, peças, ensaio com piano, como podemos confirmar de seguida. Por vezes, quando ainda restava um pouco de tempo, era pedido à aluna para tocar do início ao fim, sem pianista acompanhador, trabalhando, assim, alguns erros que pudessem existir.

A relação professor-aluno é bastante positiva. Dado que a aluna é esforçada e dedicada, toda a interação entre as duas partes fica consideravelmente facilitada.

As aulas desta aluna foram sempre muito ativas. Ela apresentava sempre um trabalho regular feito em casa, fazendo com que não se perdesse muito tempo a explicar alguma dúvida que eventualmente tivesse.

A aluna B frequenta o 4.º grau – 8.º ano de escolaridade, e tem 14 anos. Juntamente com a professora cooperante, rapidamente percebemos que a aluna em questão possuía bastantes dificuldades. Em nosso entendimento, a aluna não demonstra grande gosto pelo instrumento, o que estará, possivelmente, na base da sua falta de estudo e até desinteresse.

As aulas foram todas muito idênticas, uma vez que a aluno exibia dificuldades em cada uma das secções. Embora a professora insista em realizar um trabalho mais detalhado com a aluna, esta não tem mostrado grandes evoluções.

A relação professor-aluno era positiva, embora a aluna não colaborasse tanto como deveria, sobretudo devido à sua falta de empenho no estudo. Mesmo assim, a docente tentava sempre incentivar e conversar com a aluna para que esta tentasse superar as suas dificuldades.

Durante todo o ano letivo observámos que a aluna tinha realmente muitos problemas a nível do seu instrumento, sendo que chegámos a ter uma conversa de uma forma mais informal

sobre o assunto. A aluna informou-nos que não gostava do seu instrumento e que já há algum tempo que desejava desistir dele.

A aluna C frequenta o 1.º grau – 5.º ano de escolaridade, e tem 11 anos. Esta aluna padece de um problema no ombro e iniciou os seus estudos de flauta a pedido do seu médico, por razões terapêuticas ou, se se pode dizer, fisioterapêuticas.

As suas aulas revelaram um padrão bastante constante, havendo poucas alterações, que se verificavam somente quando a docente fazia trabalho de respiração com a aluna, dado que a mesma apresenta alguns problemas neste particular.

Durante a observação conseguimos perceber que os problemas de respiração se devem ao facto de a aluna ter um som bastante cheio. Por ser ainda tão nova, é mais difícil de controlar e trabalhar.

A relação professor-aluno é excelente e a aluna, a nosso ver, nutre mesmo um sentimento de amizade pela professora de instrumento, o que acaba por ser mais um fator positivo, uma espécie de bónus, na evolução na aprendizagem.

A aluna apresentou sempre grande vontade de corrigir tudo que lhe foi pedido, tanto pela docente como por nós, enquanto estagiária, o que se refletiu com êxito na sua constante evolução ao longo de todo o ano letivo.

3. Registo e observação de aulas coletivas

A fase de observação das aulas coletivas iniciou-se em outubro de 2015, consistindo na observação não participante das aulas de orquestra de sopros, lecionadas pelo professor cooperante José Ricardo Freitas.

Estas aulas coletivas são constituídas por um grupo de cerca de 35-40 alunos de vários instrumentos de sopro e de vários níveis (2.º ao 8.º grau), embora falem alguns instrumentos na constituição desta orquestra de sopros, como fagotes, tubas e bombardinos e percussão. A falta destes instrumentos faz-se notar, por vezes, na montagem do repertório. A disparidade de níveis apresenta geralmente benefícios, dado que os alunos mais velhos conseguem trazer alguma motivação aos mais novos, uma vez que, nestas condições, o repertório é normalmente de uma dificuldade mais elevada.

Ao nível da relação com o professor, esta mostrou-se claramente positiva e produtiva. Os alunos da orquestra de sopros respeitam muito o professor cooperante. O comportamento dos alunos é bastante propício para o tipo de trabalho que o professor realiza com eles.

Durante as observações em que o professor se dedicava mais a repertório específico para um concerto ou apresentação em público, os alunos conseguiam perceber o tipo de trabalho que tinha de ser realizado e cumpriam os objetivos na perfeição.

Uma das dificuldades que notámos foi que, em alguns dos naipes, alguns dos alunos mais novos apresentavam deficiências ao nível da afinação, problema que foi sendo trabalhado e corrigido pelo professor cooperante ao longo dos ensaios.

O padrão de comportamentos destes alunos foi-nos bastante útil ao nível de recolha de informação para este projecto. Os inquéritos por nós realizados têm, com efeito, um grande foco nestes alunos de orquestra de sopros, uma vez que nos deram um número de respostas muito mais abrangente do que os alunos de aulas individuais de instrumento.

3.1 Problemática

A fase de observação do estágio foi de enorme importância, dado que nos foi possível analisar a relação entre as duas partes (professor e aluno) e compreender determinados comportamentos que, do ponto de vista do docente em ação, pode não ser tão perceptível.

Os problemas que mais se verificaram nos alunos em geral apresentavam-se ao nível da timidez para com a professora cooperante, o que intuimos possa estar diretamente relacionado com a faixa etária dos mesmos.

3.2 Objetivos

Este projeto foi criado e posteriormente desenvolvido a partir de um grande interesse da nossa parte pelo tema em questão. Em todos os nossos anos enquanto aluna e posteriormente como professora, o relacionamento entre as duas partes foi sempre alvo da nossa curiosidade, devido à sua inconstância, como também porque, dentro da área do ensino da Música, a questão sido pouco investigado até agora. Neste sentido, procurámos analisar e interpretar de que forma é o que os alunos se relacionam com os professores e vice-versa, tentando concluir se uma relação mais próxima pode ser benéfica para o ensino do instrumento, fazendo com que os alunos ganhem mais interesse no mesmo.

Definimos os seguintes objetivos gerais e específicos da nossa pesquisa:

Objetivos gerais

- Estudar a importância da relação professor/aluno;
- Perceber a influência da interação professor/aluno na motivação para o estudo do instrumento;
- Utilizar estratégias de relacionamento individualizadas no ensino do instrumento;
- Compreender a interação relacional entre o docente e os diferentes grupos de alunos.

Objetivos específicos

- Realizar entrevistas e inquéritos aos diversos elementos envolvidos, visando obter dados pertinentes para a nossa investigação;

- Aferir que ações específicas do docente podem motivar ou, pelo contrário, desmotivar o aluno;
- Analisar os resultados obtidos durante a investigação e tirar conclusões sobre o nosso tema de estudo.

4. Metodologia

Para esta investigação adotámos uma metodologia centrada num estudo de caso múltiplo, onde os diferentes casos necessitam de ser “examinados para fornecer introspeção sobre um assunto, para refinar uma teoria, para proporcionar conhecimento sobre algo que não exclusivamente o caso em si” (Coutinho, 2011, p. 296).

O estágio foi constituído por duas fases: a primeira fase baseou-se na observação das aulas dos três alunos envolvidos no projeto. Esta fase é de enorme importância, dado que nos foi possível conhecer e avaliar cada um dos alunos e identificar o tipo de relação que mantinham com a professora do seu instrumento. A segunda fase baseou-se na nossa própria intervenção, quando então pudemos colocar em prática todas as metodologias por nós previamente selecionadas.

Já numa fase mais avançada da nossa intervenção entregámos um inquérito, tanto aos alunos de flauta transversal como aos alunos do contexto coletivo (orquestra), procurando obter o maior número possível de respostas, o que nos permitiria chegar a conclusões razoavelmente sólidas.

Para além do inquérito, considerámos pertinente realizar uma entrevista aos dois professores cooperantes. A entrevista foi o instrumento de recolha de dados que nos colocou em contato mais direto com os orientadores cooperantes e, também, com a Direção da instituição em causa, por forma a obtermos informações que serviriam de base para uma pequena análise de resultados. A entrevista realizada foi baseada num guião, com a maioria das questões pré-definidas, procurando obter respostas o mais concretas possível e com uma maior relevância para o tema a ser desenvolvido.

4.1 Grelhas de observação não participante

As grelhas de observação não participante foram elaboradas durante o período de observação do professor cooperante, e utilizadas ao longo desta fase em ambos os contextos, no período do mês de outubro até ao mês de fevereiro do ano letivo 2015/2016. Todas estas aulas foram descritas minuciosamente, devido à sua relevância para a elaboração do relatório.

4.2 Grelhas de observação participante

As grelhas de observação participante foram elaboradas durante o período de intervenção, sendo um guia do trabalho realizado no período compreendido entre o mês de fevereiro e o final do ano letivo.

4.3 Inquéritos

Os inquéritos são um método muito importante de recolha de informação. De certa forma, o inquérito foi o recurso que nos facilitou a obtenção de algumas respostas determinantes por parte dos alunos de instrumento de flauta, bem como dos alunos de orquestra. Este inquérito servirá como meio de obtenção de respostas acerca do que os alunos em envolvidos no projeto pensam sobre a relação professor-aluno e quais as características que eles mais apreciam num professor.

4.4 Recolha de informação de escrita suplementar

A redação realizada pelos alunos envolvidos na intervenção ao nível do instrumento (flauta transversal) foi um dos meios utilizados para que o aluno pudesse elaborar uma pequena descrição do que a figura do professor poderia significar para ele, levando-nos a obter informações sobre o pensamento de cada um dos alunos em relação aos seus docentes.

4.5 Entrevista

A entrevista foi o instrumento de recolha de dados que nos colocou em contato mais direto com os orientadores cooperantes, a fim de obtermos informações que serviriam de base para uma pequena análise de resultados.

A entrevista que realizámos foi baseada num guião, com a maioria das questões pré-definidas, procurando obter respostas o mais concretas possível e com uma maior relevância para o tema por nós desenvolvido.

5. Enquadramento Teórico

José Lopes e Silva & Helena Santos Silva (2010) apoiando-se em investigações, sugerem que “a melhoria das relações entre professores e alunos pode ser um caminho poderoso e menos dispendioso para melhorar o sucesso dos alunos” (p.63). Com isto podemos entender que uma relação construtiva entre ambas as partes realmente pode ajudar o aluno tanto a ganhar interesse e a motivar-se como também a obter melhores resultados no seu percurso escolar. Segundo Cornelius-White (2007) a maioria dos alunos que não gosta de frequentar a escola ou tão-só ir à escola fazem-no porque simplesmente não gostam dos seus professores.

Marcel Postic, na sua obra “A Relação Pedagógica” (1984), demonstra-nos o seu interesse pela temática da relação pedagógica que surgiu em França, sendo um dos temas mais privilegiados nas áreas da psicossociologia e psicoterapia. É com base nesta obra que Rui Trindade (2009) faz notar:

“Neste sentido, pode afirmar-se que a valorização da relação pedagógica como problemática emergente do campo da reflexão educativa correspondeu, nesse momento, à afirmação, mais uma vez, da necessidade de transformação da Escola e dos modos de acção educativa que aí têm lugar” (p.11)

Leite e Tagliaferro (2005) realizaram uma pesquisa sobre este tema e sobre o que faz do professor um elemento inesquecível. Os autores trabalham com dimensões afetivas que podem ser verificadas na actividade docente, que envolve o professor, alunos e conteúdos de aprendizagem. E assumem que a relação entre os alunos e os conteúdos de aprendizagem pode ser modificada por um outro fator, o professor. O professor tem um papel de enorme importância nesta relação, podendo implicar que a mesma seja mais agradável/interessante ou não, tornando-a, além de cognitiva, também afetiva.

Trindade afirma que a escola é constantemente um “espaço de natureza relacional” (2009, p. 35), reforçando a ideia de que os professores são uns dos pontos fulcrais no ensino e no relacionamento entre todas as partes.

Wallon (1968) aborda o tema emoções e afetividades nas crianças como “reações organizadas que se manifestam sob o comando do sistema nervoso central” (p. 248). O autor,

no entanto, defende que a emoção e a afetividade sempre têm um papel de enorme importância na evolução da criança, sendo que é a partir das mesmas que o indivíduo se vem a formar ao longo dos anos.

Dantas (1992) afirma que, para Wallon (1968), é a atividade emocional que:

“realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela lhe dá origem” (Dantas, 1992 p.85-86)

É com afirmações como a de Wallon que Leite e Tagliaferro (2005) acabam por concluir que as próprias interações que ocorrem dentro de um contexto escolar são influenciadas pela afetividade em todos os aspetos e dimensões do trabalho pedagógico.

Também Leite & Tassoni (2002) salientam que Wallon e Vygotsky possuem uma série de pontos em comum relativamente à afetividade. Ambos os autores afirmam que a afetividade possuiu um carácter social que se vai desenvolvendo ao longo dos anos, ganhando cada vez mais complexidade.

Como material para a sua pesquisa, Leite e Tagliaferro pediram a cada participante que escrevesse uma carta com o relato da sua experiência pessoal com um determinado professor já pré-selecionado pelos pesquisadores, trazendo ao de cima todas as recordações que os alunos tivessem do mesmo e o impacto que ele teve nas suas vidas. Nos resultados está evidente a importância das práticas pedagógicas do docente na sua sala de aula. Os autores constataram que “é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico” (2005, p.258).

Podemos concluir que o professor é uma espécie de intermediário de enorme importância que pode modificar o sentimento de um aluno em relação a um determinado conteúdo. Se este entendimento for aplicado à área do ensino da Música, nomeadamente ao

ensino de um instrumento, então também poderemos ter como seguro que o interesse por parte do aluno no instrumento deve-se, em grande parte, à atitude do professor perante os alunos e ao tipo de relação que ele cria entre todos estes fatores.

Leite e Tagliaferro (2005) conseguiram ainda identificar algumas qualidades referenciadas pelos envolvidos na pesquisa relativamente ao professor em questão, destacando o facto de o mesmo ser um professor bastante interessado e comprometido com o ensino e com os alunos. Os autores frisam a importância das práticas pedagógicas e dos seus efeitos, sendo que:

“destaca-se a repercussão das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor em sala de aula, na futura relação que se estabeleceu entre os sujeitos e o objeto de conhecimento em questão. (...) foi o trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, o que transformou o Professor M em uma figura fundamental e inesquecível para esses alunos.” (p. 260)

Com isto não podemos afirmar, de todo, que um professor é o único fator no interesse de um aluno por algum conteúdo, mas apresenta-se como um pilar de enorme importância nesse sentido.

Nesta mesma linha de ideias, a pesquisa de Tassoni (2000) traz-nos informações também elas bastante pertinentes, sendo que a autora tenta demonstrar-nos como o lado afetivo na relação professor/aluno pode refletir-se no processo de aprendizagem.

A criança vem desde o seu nascimento a criar processos de interação com o mundo que a rodeia, principalmente no âmbito familiar, criando assim relações afetivas desde muito cedo. É desta relação com os outros que a criança vai adquirindo capacidades cognitivas, cabendo principalmente a pais e irmãos um papel muito especial na sua relação de ensino e aprendizagem. A autora defende ainda que “toda a aprendizagem está impregnada de afetividade” (p. 3), levando-nos a concluir que também a relação entre o aluno e professor esteja impregnada de afetividade e que a mesma se torna um elemento indissociável no processo de construção de conhecimento.

La Taille refere outro aspeto relevante entre a família e a escola:

“Antes, a família (e a escola) eram estruturas sociais essencialmente ‘adultocêntricas’: a criança devia adaptar-se a uma casa organizada em função da vida, valores, prazeres e interesses dos adultos. Hoje, a família (e

também a escola) tende a ser ‘puericêntrica’: são os adultos que devem se adaptar ao espaço infantil e adolescente; os filhos são os ‘reis’ da casa, ouvem as músicas que querem, assistem a seus programas, etc.” (1999, p. 175)

Na sua pesquisa, Tassoni (2000), observando todos os comportamentos das professoras envolvidas, concluiu que “a afetividade manifestava-se por meio de comportamentos posturais e por meio de comportamentos verbais” (p. 8), sublinhando que a proximidade das professoras com os seus alunos acabava por se tornar símbolo de cumplicidade entre eles. Os próprios alunos apontaram também que essa proximidade física era considerada como “forma de ajudar, de transmitir segurança e tranquilidade diante das atividades” (p. 10). A autora confirma, de resto, que toda a proximidade entre as duas partes acabava por ser um ponto positivo para a relação, fazendo com que os alunos passassem a confiar e a ficarem mais à vontade para colocação de dúvidas, ou contribuindo para que o processo de ensino se tornasse mais fácil e agradável para todos os alunos da turma.

Tassoni (2000) não tem dúvidas, na verdade, de que o encorajamento verbal por parte do professor é de uma enorme importância como fator de motivação para o aluno na realização de tarefas concretas. A autora enfatiza também a relevância das formas de expressão que utilizam o corpo, toque, olhar e modulações na voz, estando estas a ganhar cada vez mais importância no ensino dos dias atuais.

“(…) é possível concluir que a afetividade não se limita apenas às manifestações de carinho físico e de elogios superficiais” (p.13)

Mediante as entrevistas que foram realizadas às professoras envolvidas na pesquisa, a autora conseguiu perceber que todas as docentes partilhavam uma certa preocupação em fazer com que sentimentos mais negativos como a ansiedade e a insegurança fossem banidos das suas salas, de forma a não interferirem de maneira negativa nas suas aulas e na interação com os alunos.

Tal como na pesquisa de Tassoni (2000), Negro (2001) procurou identificar a afetividade presente na relação professor-aluno, concretamente num conjunto de alunos do 4.º ano de escolaridade. Os resultados foram todos muito idênticos e sem grandes alterações aos de Tassoni (2000), reforçando a ideia de que os alunos davam valor à proximidade e recetividade

entre os dois elementos. Os alunos envolvidos nesta pesquisa definiram que a proximidade era como nutrir uma amizade, gostando das pessoas e importando-se com o que elas fazem.

Das últimas questões enfatizadas pela autora, temos “a importância das diversas formas de interação entre as professoras e os alunos, para a construção da autoestima e da autoconfiança, influenciando diretamente no processo de aprendizagem” (2000, p. 15). Concluindo então que “as experiências vividas em sala de aula permitiram trocas afetivas positivas que, não só marcaram positivamente o objeto de conhecimento, como também favorecem a autonomia e fortalecem a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões” (2000, p. 15-16).

Numa dimensão de ensino mais pequena e focada, como o ensino de um instrumento, temos a visão de Gaunt (2008), que, a partir das ideias e comportamentos de 20 professores de um conservatório de música do Reino Unido, percebe que esses mesmos docentes são mais do que “meros” professores, são modelos e uma das forças de incentivo para os seus alunos.

Ao longo da pesquisa a autora foi-se deparando com vários aspetos interessantes na forma de ensinar desses professores, como, por exemplo: gravar a aula do aluno para posteriormente ser alvo de debate entre as duas partes; questionar o aluno sobre as suas decisões artísticas; dar *feedbacks*¹, etc. São diferenças como as anteriormente enunciadas que tornam o ensino do instrumento um caso tão específico do ensino em si mesmo, tornando a sua abordagem muito própria e particular. Os professores envolvidos confidenciaram à autora que utilizam todos um padrão de aula: o aluno vem para a aula, têm uma pequena conversa, logo de seguida interpreta o seu repertório, previamente definido, os estudos ou exercícios técnicos que sejam necessários e, por fim, recebe o *feedback* do professor sobre o que executou nessa mesma aula.

José Lopes e Silva & Helena Santos Silva (2010) também relevam o conceito de *feedback*, afirmando que este, conjugado com uma boa prática de ensino, pode ajudar os alunos na sua autoestima e a aumentar o interesse pelo objeto de estudo.

“Quando feito correctamente, o *feedback* permite que o professor informe os alunos do seu progresso na disciplina e na compreensão da

¹ *Feedback* significa, resumidamente, dar resposta a uma determinada solicitação ou a um determinado acontecimento. Neste caso em concreto, ele funciona como uma espécie de vaivém informativo entre professores e alunos e vice-versa. O *feedback* é dado aos alunos como forma de acompanhamento e aferição do trabalho por eles realizado. E pode ser mais positivo ou mais negativo.

matéria que está a ser ensinada. É também uma oportunidade para os professores reflectirem sobre a forma como estão a ensinar.” (p. 61)

Os autores referem também alguns procedimentos para um feedback construtivo: fazer muitas perguntas; não dar demasiada importância à classificação; ouvir o aluno atentamente; agir equilibradamente; dar relevância à conversa e não ao sermão; incentivar a autocritica do aluno, etc. Neste caso o feedback não passa de uma conversa entre as duas partes, uma conversa construtiva e não somente de crítica, por forma a que o aluno consiga então perceber e corrigir os seus erros. Estaremos, pois, no bom caminho “quando os professores “vêem” a aprendizagem através dos olhos dos alunos e os alunos “vêem” o ensino como a chave para a sua aprendizagem”. (introdução – XXII)

Gaunt (2008) questionou também os professores sobre o que eles achavam deste tipo de ensino (*one to one*), mais individualizado, e todos os docentes referem o facto de ser mais amigável, colaborativo e parental, como se de um médico se tratasse. Um dos pontos negativos referidos pelos professores foi o facto de não estarem muito a par das actividades que os seus alunos realizam no conservatório, como, por exemplo, se andam num coro ou algo do género.

De uma forma muito geral, a autora acaba por chegar à conclusão que todos os professores se empenhavam seriamente no ensino do seu instrumento, tentando que cada aluno adquirisse todos os conhecimentos que conseguisse apreender, ganhando também as ferramentas necessárias para o seu dia-a-dia.

Tendo em consideração os comentários dos diferentes autores que temos citado, o papel do docente tem uma enorme relevância em todas as variantes do ensino, pois é impossível fugir à premissa fundamental: para que haja alguém que aprenda, é necessário que exista alguém que ensine - daí a importância definitiva do papel do professor.

Segundo Ribeiro (1992, cit in Trindade, 2009), coexistem quatro tipos de relação entre as duas partes, sendo elas: relação de autoridade; relação de ajuda; relação de agrado e relação de conflito. A relação de agrado tem como base a atração interpessoal que visa reduzir a distância entre as duas partes envolvidas; a relação de ajuda refere-se à dimensão do auxílio, cooperação em determinadas situações e também de “tutoria”, o que transmite uma importância acrescida a esta relação; na relação de autoridade está presente a relação de poder e o domínio dos alunos no âmbito da sala de aula; por fim, a relação de conflito, que se baseia

nos acontecimentos negativos que podem acontecer nas escolas e que são potenciais geradores de mal-estar.

Davidson, Moore, Sloboda, & Howe (1998), num estudo realizado em Inglaterra com um conjunto de 40 alunos, observam quais as características dos professores de Música e os progressos dos seus alunos. Neste trabalho, os autores referem que existem dois grupos de adultos que exercem uma maior influência na aprendizagem das crianças, sendo eles os pais e os professores. Podemos verificar que, principalmente no ensino do instrumento, os professores lidam diretamente com grupos pequenos de alunos ou até individualmente, fazendo com que a relação entre as duas partes seja especialmente importante na aprendizagem da Música, comparando a outro tipo de aprendizagem. O estudo em questão anota também que, para a maioria dos alunos, os seus primeiros professores do instrumento são vistos como uma grande influência na sua aprendizagem musical.

Rutter (1987) refere que o género do aluno tem um papel muito importante neste tipo de relacionamento, dado que, por exemplo: as raparigas tendem a responder melhor a carinho e suporte emocional, levando também em conta que as mesmas colocam ênfase acrescido no compromisso pessoal e no relacionamento com outros; os rapazes, por norma, são tratados de forma um pouco diferenciada pelos professores e pais, que dão quase sempre mais importância ao seu estudo, sucesso e alcance dos objetivos. Davidson, Moore, Sloboda, & Howe (1998), na sua pesquisa, concluem, por outro lado, que o género do aluno não é um fator de importância, não existindo diferenças entre raparigas e rapazes.

Durante a sua pesquisa, Davidson, Moore, Sloboda, & Howe (1998) utilizaram as entrevistas individuais como forma de obtenção de informação, colocando aí quatro alíneas essenciais para o estudo. A saber:

- Classificar as características do primeiro e do último professor de cada instrumento estudado (ou somente um), de acordo com uma determinada escala: amigável para não-amigável; relaxado ou tenso; conversador ou calado; encorajador ou desmotivador; bom professor ou mau professor; bom instrumentista ou mau;
- Selecionar datas de mudança de professor ou número de meses/anos que o aluno estudou com cada um dos professores;

- Descrever as razões pelas quais resolveu trocar de professor;
- Descrever se as suas aulas foram individuais ou em grupos.

Relativamente à primeira questão seleccionada pelos autores, foi concluído que os alunos consideram que os seus últimos professores são mais amigáveis, relaxados, conversadores, encorajadores e mais exigentes que os primeiros. Definem-nos também como melhores intérpretes, sendo um exemplo a seguir a nível musical. Já debruçados sobre a segunda questão, concluem que a maioria dos alunos questionados teve uma média de 2,5 professores ao longo da sua vida académica na área da Música, sendo uma das variáveis desta média o número de anos que cada aluno estudou. O grupo de alunos que levou os seus estudos até um nível superior é o maior fator nesta média. Relativamente à questão sobre os motivos que conduziram a uma mudança de professor, os alunos e os pais responderam que, de uma forma geral, foi por razões de mudança de casa ou escola, o desejo de encontrar um professor melhor e a problemática dos preços. Na última questão, focada no facto de as aulas serem individuais ou de grupo, o estudo regista que poucos dos alunos entrevistados já tinham experimentado os dois tipos de ensino - ou experienciaram o ensino individual ou o de grupo, separadamente.

Neste trabalho, os autores chegaram a várias conclusões que importa destacar. Por exemplo: a maioria dos alunos que obtiveram sucesso na aprendizagem musical tiveram um primeiro professor que foi definido como amigável, conversador, relaxado e encorajador; os professores que lecionam o instrumento a faixas etárias mais baixas têm de estabelecer como prioridade uma relação relaxada e amigável com os seus alunos, já os professores com alunos de faixas etárias mais velhas devem tentar ganhar o respeito dos seus alunos, quer a nível pessoal quer a nível musical; a pesquisa revelou, ainda, que o sucesso musical e o facto de se ter mais do que dois professores diferentes do mesmo instrumento podem estar relacionados; finalmente, conclui-se que, se um aluno desejar atingir níveis altos de excelência no seu instrumento, é provável que beneficie mais do ensino individual do que do ensino em grupo, embora existam benefícios em ter os dois tipos de instrução.

Também José Lopes e Silva & Helena Santos Silva (2010), se centram na importância dos elogios por parte dos professores relativamente aos seus alunos.

“o elogio deverá consistir num reconhecimento sincero de um comportamento bem definido para que os alunos compreendam o que fizeram para obter reconhecimento por parte do professor” (Woolfolk, 2006)

Segundo os autores, para um elogio ser eficaz ele deve possuir algumas características: o professor deve ser claro na utilização do elogio, para que o aluno perceba exatamente o motivo pelo qual está a ser elogiado; o professor deve sempre elogiar o esforço do aluno e não a sua inteligência – na verdade, deve-se dar sempre o maior ênfase ao facto de o aluno ser mais esforçado relativamente a determinada matéria; o professor deve reconhecer os êxitos dos seus alunos, fazendo com que os alunos sejam elogiados por metas alcançadas ou apenas melhorias registadas; convém que o elogio seja um reforço positivo para o aluno – em todo o caso, quando em grupo, não é recomendável direccionar todos os elogios para um único aluno.

O elogio faz então parte de um grupo de características e atitudes que constroem um ambiente relacional, onde se torna mais fácil a aprendizagem e o ato de “ensinar”.

Caraterísticas afetivas do professor	Magnitude do efeito	Aumento em percentis no rendimento escolar do aluno
Não diretividade	0.76	28
Empatia	0.68	25
Entusiasmo	0.68	25
Encorajamento do pensamento de ordem superior	0.60	22
Encorajamento à aprendizagem	0.48	18
Adaptação às diferenças	0.41	16
Autenticidade	0.29	11
Crenças centradas no aluno	0.10	4

Figura 1 Efeitos das caraterísticas afetivas do professor no rendimento escolar e atitudes dos alunos, in *Lopes, J. & Silva, H. S. (2010). O professor faz a diferença: Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos. Página 65*

Na Figura 1, acima, são apresentadas algumas das características afetivas que fazem o professor. Mediante esta lista podemos concluir que são questões como a não-diretividade que tornam a experiência da docência numa orientação por parte do professor e não numa imposição por parte do mesmo, dando espaço ao desenvolvimento do aluno por si só. Aqui, a

função do docente é centrada na reflexão sobre o que é dito pelo aluno, certificando-se de que os conteúdos foram todos adquiridos/compreendidos. Todas as características restantes dão foco à dimensão afetiva da aprendizagem.



Figura 2 Diagrama sobre a dimensão afetiva

Neste contexto, devem os professores ser sensíveis aos problemas dos alunos e devem ajudá-los? Na maioria das vezes, os alunos chegam às escolas com ideias já bastante definidas e os professores devem utilizar essas ideias com ponto de partida. Se não o fizerem, pode haver uma rejeição por parte dos alunos em relação à aprendizagem. Os professores devem, por isso, delinear estratégias e escolher o caminho de forma a que os alunos aceitem os desafios propostos, conseguindo assim desenvolver melhor as suas capacidades.

“Construir um ambiente relacional capaz de facilitar a aprendizagem e assegurar resultados escolares mais elevados implica que o professor respeite o conhecimento que os alunos trazem para a escola, reconhecendo como válidas as experiências que estes vivenciam fora do ambiente formal de aprendizagem, quer em casa quer na comunidade ou no seu grupo de pares. Além disso, exige que o professor possua características específicas, nomeadamente de escuta activa, empatia, atenção e respeito pelos outros”
(Lopes e Silva, 2010, p. 64)

Ainda bastante comuns, infelizmente, são determinadas situações vivenciadas pelos alunos que habitualmente só as descrevem aos professores em que depositam mais confiança. Cabe então aos professores saberem lidar com essas situações, nunca as desvalorizando ou

conferindo-lhes menos importância. Esse “ser sensível” com os problemas dos alunos pode vir a constituir a base de um professor bem-sucedido, porque consegue obter mais facilmente a confiança dos educandos.

Outro dos pontos essenciais para saber ser professor é saber ser flexível. Várias vezes, no decorrer de uma aula, o professor está sujeito a ter de mudar de estratégia, ou porque os alunos não estão a adquirir os conhecimentos da forma como foi planeada ou porque a aula simplesmente não está a correr como foi pensada. O professor tem de ter a capacidade de modificar o caminho a percorrer, para que os alunos queiram aprender e encontrem motivação.

“Os professores apaixonados pelo ensino têm consciência do desafio que enfrentam nos amplos contextos sociais em que ensinam, têm um sentido de identidade claro e acreditam que podem fazer a diferença na aprendizagem e no aproveitamento escolar de todos os seus alunos. Interessam-se profundamente por eles e gostam deles.” (Day, Estrela, 2010, p. 58)

Um dos maiores entraves ao bom relacionamento entre professor e aluno é a indisciplina. E a indisciplina pode manifestar-se nas mais variadas formas: indisciplina do aluno, do professor, da escola, da família, etc. É por isso fundamental e necessário que a educação seja eficiente – o professor, o bom professor, deve estabelecer disciplina entre os seus alunos, pois a disciplina ou a indisciplina influenciam drasticamente, para o bem e para o mal, respetivamente, todo o processo de ensino-aprendizagem.

Numa sumária análise ao que diz o dicionário para definir a palavra indisciplina, encontramos significados e sinónimos como: desobediência, rebeldia, falta de disciplina, etc. Fácil de concluir, portanto, que a indisciplina é precisamente o contrário do conceito de disciplina.

A indisciplina na sala de aula, por parte do aluno, verifica-se, desde logo, quando o aluno não se consegue comportar conforme as exigências estabelecidas pelas regras da escola, na maioria das vezes não respeitando o professor, nem colegas, nem elemento algum que esteja diretamente ligado ao estabelecimento de ensino.

“E por falar em indisciplina, essa não deveria ser uma constante entre professores e alunos. Aulas dinâmicas, divertidas, linguagem clara,

objetiva e de fácil entendimento, sempre associando o tema em questão a situações actuais, de conhecimento dos alunos, utilizando mais a explanação verbal do que a lousa (vista como um suporte, apoio para registrar, de forma resumida, alguma informação mais importante), torna as explicações dadas pelo docente, segundo opinião unânime dos alunos, uma aula motivadora.” (Siqueira, 2003)

Quais são as possíveis causas da indisciplina nas aulas? Motivos como classes numerosas, perda de autoridade por parte do professor, formas de lecionar pouco atrativas para os alunos, entre outros pretextos menos relevantes. Há que referir, por outro lado, a indisciplina do próprio professor, que se manifesta didaticamente e posteriormente vem a ter efeitos negativos nos alunos. Má gestão da classe, emprego constante da mesma técnica de ensino e fraco domínio da matéria a lecionar estão na base da indisciplina em relação ao docente. Como é óbvio, o professor que domina mal o conteúdo a lecionar ou que se sente inseguro em relação à matéria acaba por deixar que alunos se apercebam dessa fraqueza. Nesse cenário, os alunos sentem caminho livre para tomar conta da aula, tendem a descontrolar a aula, multiplicando-se em perguntas geralmente fúteis e muitas das vezes completamente deslocadas do assunto em questão.

6. Desenvolvimento e avaliação da intervenção

6.1 Registos de observação

Este Estágio Profissional foi realizado entre os meses de outubro de 2015 e junho de 2016, e foi dividido em duas partes: a primeira parte consistiu na observação das aulas nos dois contextos exigidos (instrumento e orquestra de sopros), dando sempre uma especial atenção às práticas pedagógicas utilizadas por cada um dos docentes e às características individuais de cada aluno; a segunda parte foi dedicada à intervenção direta com os alunos.

Na primeira parte, de observação, focámo-nos em entender as características dos dois contextos, assistindo às aulas semana após semana, tendo algumas conversas informais com os alunos e com os professores das disciplinas, procurando, assim, compreender melhor cada uma das partes.

Após as primeiras aulas observadas, conseguimos comprovar que uma das alunas envolvidas no estudo tinha bastantes dificuldades, se comparada com as outras duas. A aluna em causa apresentava, em todas as aulas, as mesmas dúvidas, problemas de leitura, problemas rítmicos, etc. As dificuldades da aluna foram confirmadas pela professora cooperante, que nos explicou que a aluna vinha denotando este padrão já há algum tempo. Relativamente às duas outras alunas envolvidas, estas demonstravam algumas facilidades no instrumento e bastante interesse pela aprendizagem.

Desde o início da fase da observação que percebemos que iria ser impossível envolver a orquestra de sopros na nossa intervenção na mesma medida das aulas individuais, dado que é um estudo que necessita de contato bastante direto e individualizado com cada um dos alunos. Assim, o contexto de orquestra foi realizado em concordância com os planos que o professor cooperante tinha. Foi-nos dada liberdade para trabalharmos com os alunos várias das obras que eles foram abordando ao longo do ano, desenvolvimentos que acompanhámos a tempo integral, fazendo aos poucos uma leitura dos seus comportamentos a nível das aulas e da forma de estar dos mesmos perante os docentes.

O contexto de aula de instrumento foi onde a intervenção teve um papel mais relevante. Temos, de facto, como ponto assente que a observação é tão ou mais importante que a intervenção. Observar foi já meio caminho andado para a intervenção.

Apresentamos, a seguir, uma síntese das tabelas de observação preenchidas a cada aula e relativas aos três alunos envolvidos (A, B e C), bem como à música de câmara:

6.1.1 Aluno A

Consideramos que, durante toda a fase de observação, esta foi a aluna com mais facilidades a níveis de competências sociais, embora, na nossa presença, se tenha mostrado inicialmente um pouco fechada e tímida, o que entendemos com normalidade.

A aluna apresentou-se sempre como um elemento bem-disposto, acessível, atento a tudo o que lhe era dito, aprendendo com rapidez e facilidade. Foi notória também a excelente relação mantida entre as duas partes, professora e aluna, verificando-se em todas as situações uma boa comunicação e amizade.

Durante o primeiro período, esta aluna padeceu de uma paralisia facial, que a limitou nas aulas e até no seu desenvolvimento no instrumento, o que é perfeitamente compreensível. A docente acompanhou sempre de perto a evolução da aluna, verificando assiduamente o estado da paralisia e se esta piorava ou regredia. Acabámos por saber que este problema de saúde, que foi desaparecendo aos poucos, teve origem num quadro de ansiedade. A partir daí, tanto a docente quanto eu, enquanto estagiária, tivemos o maior cuidado possível no decorrer das aulas de instrumento para que a aluna não passasse por grandes situações de stress.

Passado um mês, a aluna regressou em grande forma ao trabalho, fazendo com que o tempo que poderia ter sido dado como perdido fosse recuperado de uma forma rápida e eficaz.

Durante todo o tempo de observação conseguimos perceber que a aluna demonstrava um maior apreço e aplicação no estudo muito devido à sua relação positiva e, de certa forma, chegada à docente. Tomámos devida nota, de resto, que, mesmo com o seu passageiro problema de saúde, a aluna foi sempre de uma dedicação e vontade enormes relativamente ao seu instrumento, tendo apresentado ótimos resultados durante todo o ano.

6.1.2 Aluna B

Ao contrário da aluna A, esta colocou-nos algumas dificuldades ao relacionamento mútuo. Apresentou-se sempre como uma aluna bastante tímida e fechada em si mesma, tendo algumas dificuldades na comunicação e relação com a professora. Este tipo de timidez foi notório durante todo o ano e a nossa presença, enquanto estagiária, também não a fez melhorar em nenhum desses aspetos.

É de notar também que, de todas as alunas envolvidas no projeto, esta foi a que apresentou mais dificuldades durante o ano letivo. A nosso ver, na génese destas dificuldades estaria sobretudo o desinteresse pelo instrumento, que já era bastante visível. Embora a professora tentasse sempre falar com a aluna, ajudando-a nas suas dúvidas, ela não mostrava grandes evoluções. A comunicação não funcionava. A professora falava imensas vezes com a aluna no decorrer da aula, mas ela nunca respondia abertamente, não passando muito das respostas por monossílabos.

Durante todo o ano, os esforços da professora para tentar chegar mais perto da aluna foram falhados, pois não havia vontade de comunicação da outra parte.

Nesta fase de observação conseguimos também comprovar que a aluna não realizava qualquer tipo de estudo em casa, ou, se o fazia, seria de uma forma muito pouco significativa. Assim se percebe facilmente a razão por que nunca mostrou resultados significativos.

6.1.3 Aluna C

Esta foi a aluna mais nova envolvida no projeto, frequentando ainda o 1.º grau. Durante toda a fase de observação a aluna mostrou-se sempre bastante motivada e interessada pelo instrumento. A nosso ver, foi a aluna que reagiu de uma forma mais positiva à nossa presença na sala, tendo até bastante interesse em questionar-nos sobre o que fazíamos ali e porque observávamos as suas aulas.

A aluna apresentou-se sempre como um elemento bem-disposto, conversador e acessível, sendo também muito curiosa. Conseguimos verificar que a relação professora/aluna era bastante saudável e que a aluna via a professora, até, de uma forma algo maternal.

A professora cooperante informou-nos logo no início do ano que esta aluna tinha um pequeno problema de nascença: o seu ombro era bastante mais direcionado para fora do que o normal. Soubemos também que a ida da aluna para a Academia estudar flauta transversal tinha sido uma recomendação do pediatra, na tentativa de corrigir um pouco a anomalia. A professora foi de um cuidado imenso para com a aluna, tendo sempre atenção ao facto de ela poder estar cansada ou com dores.

À parte esta situação, a aluna nunca demonstrou problemas com o instrumento, apresentando-se em todas as aulas com manifesta vontade de tocar e com o seu estudo em dia.

Registamos finalmente que, durante todo o ano, a aluna demonstrou grande vontade de trabalhar e aprender cada vez mais, o que lhe permitiu uma constante evolução no instrumento.

6.1.4 Orquestra

Relativamente à disciplina de Música de Câmara, mais concretamente Orquestra de Sopros, falamos de um grupo de alunos com cerca de 35 a 40 elementos dos mais variados instrumentos de sopros e de vários níveis (2.º ao 8.º grau).

A intervenção neste grupo foi de uma maior dificuldade do que nas aulas individuais. São muitos alunos, como indiquei acima, e todos com formas bastante distintas de se comportarem em contexto de aula. O comportamento deles foi sempre variável de aula para aula, dependendo um pouco do repertório que estivesse a ser trabalhado. O repertório que mais lhes interessasse ou agradasse era o que levava a um maior sucesso e bom comportamento durante as aulas.

Desde a fase de intervenção conseguimos verificar que todos os elementos da orquestra têm uma grande ligação emocional com o professor cooperante, respeitando-o e apreciando-o.

Quanto ao nosso relacionamento com os alunos, fazemos notar, desde logo, que sentimos algumas dificuldades em “alcançar” inicialmente o grupo dos metais – um grupo mais irrequieto e um pouco irreverente em relação aos outros. De qualquer modo, com a ajuda do professor cooperante, estas dificuldades foram sendo ultrapassadas, tendo-se chegado a uma relação satisfatória. Com as madeiras o nosso contacto estava, por natureza, simplificado: os alunos sentem uma ligação maior connosco, uma vez que também fazemos parte do grupo.

Superadas as pequenas dificuldades iniciais para controlar a aula no seu total, as sessões foram ficando cada vez mais fáceis de gerir e o trabalho realizado acabou por resultar muito proveitoso para ambas as partes envolvidas, sobretudo tendo em linha de conta a nossa pouca experiência com este tipo de grupos com um maior número de elementos.

Pudemos constatar também, aula após aula, que todos os alunos eram bastante dedicados à evolução do grupo em que estavam inseridos, estudando cada vez mais entre as aulas e exigindo repertório de maior dificuldade ao professor cooperante.

7. Recolha de informação de escrita suplementar

Durante o período de observação, e atendendo ao nosso tema de pesquisa, considerámos pertinente questionar as alunas envolvidas neste processo sobre a sua opinião relativamente à sua professora de instrumento. Intuímos que teríamos de adotar uma forma o mais discreta possível e que não fosse demasiado invasiva para elas. Pensámos que, se interrogássemos directamente as alunas, elas poderiam não se sentir à vontade para falar sobre o assunto. Para isto pedimos que elas escrevessem um pequeno texto, em forma de carta, onde descrevessem o que pensam da sua professora ou, se o desejassem, dos seus professores em geral.

7.1 Aluna A

Na carta, esta aluna refere que, na sua opinião, a professora é muito importante, vendo-a até como uma mãe. Dá também a entender a relevância que atribui aos professores para a sua vida e para a sua aprendizagem. “Sem eles não somos nada”, afirma na carta, valorizando o papel dos docentes para a aprendizagem da leitura, da escrita e da Música. Compreende que os professores têm, por vezes, que chamar à atenção (utiliza até muito própria, “ralhar”), sabendo que o fazem por motivos de preocupação com os alunos, porque querem sempre que eles caminhem na direcção correcta.

7.2 Aluna B

Na carta, esta aluna escreve que o professor é quem que lhe transmite conhecimento, quem lhe diz o que está certo ou está errado, orientando-a sempre no seu estudo. Refere também que os seus professores a tentam sempre cativar para o estudo e para a disciplina, chamando-a à atenção quando não estuda. A aluna diz que a sua professora de instrumento é a primeira a tentar cativá-la e motivá-la para o estudo da flauta transversal. Por fim, defende que os professores têm um papel de enorme importância na vida do aluno, uma vez que são eles

que ajudam a chegar mais longe e a alcançar os objetivos, preparando-os assim para um futuro melhor.

7.3 Aluna C

Na carta, esta aluna diz que gosta muito das suas aulas de instrumento, principalmente quando estas lhe correm bem. Aborda também o facto de não gostar de tocar acompanhada pelo pianista. (Na verdade, a aluna mostrou sempre alguma dificuldade na junção com o piano no decorrer das suas aulas). Afirma que tem noção de que, se estudar menos, as suas aulas decorrem de uma forma mais difícil, e que para evitar isso é que estuda muito mais. Em toda a carta a aluna refere-se exclusivamente à professora do seu instrumento, demonstrando uma certa admiração e declarando que a professora é meiga e que a ajuda bastante. A aluna diz também que a sua professora é uma excelente intérprete e que deseja tocar com ela, quando for mais velha.

8. Instrumentos de recolha de dados

8.1 Análise dos resultados recolhidos

Durante todo este processo, para além dos relatórios de aula que foram realizados, das conversas que fomos mantendo com cada um dos alunos envolvidos no projeto e de todas as observações, decidimos utilizar duas técnicas de investigação qualitativa, sendo elas o inquérito e a entrevista. O inquérito abrangeu todos os alunos envolvidos no projeto, tanto os de contexto individual como os de grupo (orquestra), e a entrevista foi realizada somente aos professores cooperantes das duas partes.

Aqui iremos então apresentar os resultados obtidos tanto dos inquéritos como das entrevistas.

8.1.1 Inquérito

O inquérito realizado neste projeto foi direcionado a todos os alunos envolvidos, tanto os de contexto individual como os de contexto colectivo, e teve como finalidade o recolher de informações sobre determinados aspetos em estudo, nomeadamente quais as qualidades que eles mais apreciam num professor ou se pensam que uma relação mais próxima com o professor pode ser positiva ou não. Está dividido em duas secções, a primeira baseada em escolhas rápidas (resposta direta) e a segunda com perguntas que pedem um pequeno desenvolvimento e com uma maior necessidade de justificação.

Iremos agora apresentar um gráfico dedicado às perguntas do Grupo I (perguntas de escolha rápida) e de seguida uma avaliação das respostas do Grupo II.

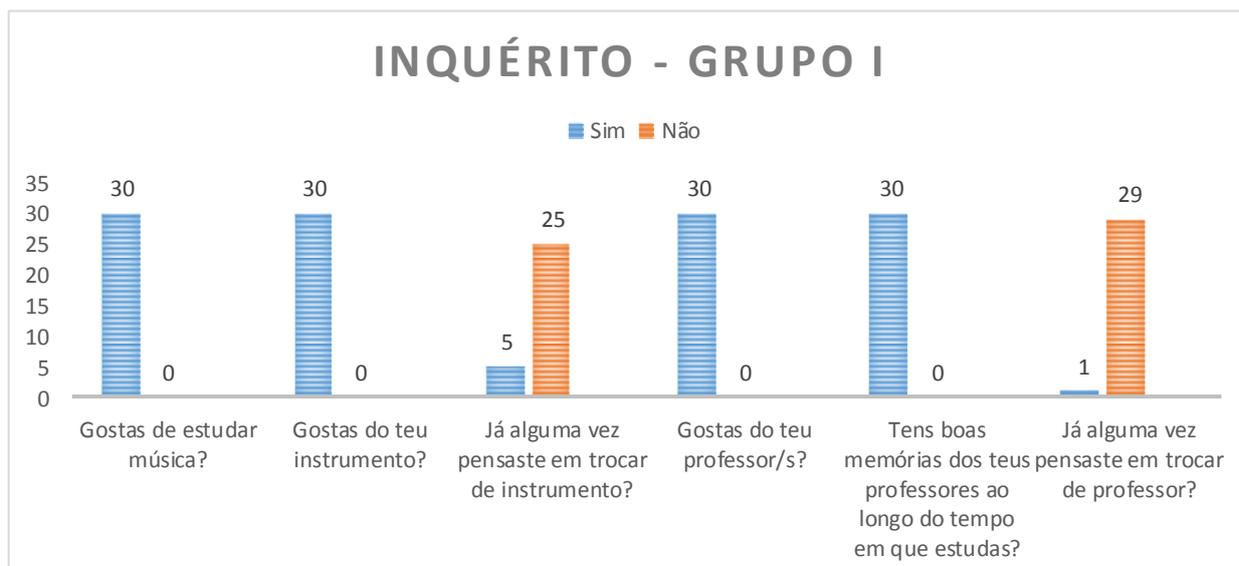


Figura 3 Respostas às perguntas do Inquérito – Grupo I

Trabalhámos com um universo de 30 alunos, de diferentes instrumentos e com idades que vão dos 10 aos 18 anos. A nosso ver, as respostas foram todas um pouco uniformes neste grupo. Fazemos notar que estes inquéritos foram respondidos de forma anónima, só havendo conhecimento da idade e do instrumento dos inquiridos.

Relativamente à primeira pergunta (Gostas de estudar música?) e à segunda (Gostas do teu instrumento?), podemos concluir que todos gostam, todos responderam positivamente à pergunta, não restando dúvidas da nossa parte em relação a estas questões.

Porém, na terceira questão (Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?) podemos verificar uma pequena oscilação, dado que, em 30 alunos, 25 responderam que não, enquanto os restantes 5 responderam que sim. Depois de uma verificação da nossa parte relativamente a esta pergunta, constatámos que, dentro dos 5 alunos que responderam que sim, dois deles andam pelos 17 anos e os outros têm idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos. Como não os questionámos os motivos pelos quais pensam nisso, não podemos avançar razões mais sólidas.

Relativamente à quarta e quinta questões (Gostas do teu professor? Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?), obtivemos novamente respostas unânimes, sendo de concluir que este grupo de alunos aprecia todos os seus professores e todos possuem boas recordações dos mesmos.

Por fim, a última questão (Já alguma vez pensaste em trocar de professor?) também redundou numa quase completa unanimidade: apenas um aluno respondeu que já tinha pensado em trocar de professor. Depois de uma análise aos inquéritos em relação a esta pergunta, percebemos que se trata de um dos alunos mais velhos do grupo (18 anos). O facto de ser mais velho poderá explicar a sua vontade de ter a experiência de passar por outro professor, mas, como não aprofundámos mais a questão, não estamos em condições de o confirmar.

Grupo II

Este grupo possui três perguntas de resposta mais longa com justificação, sendo elas:

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento?
- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno?
- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento?
De que forma achas que ele o faz?

Aluno	Respostas
1	Pergunta 1: “ Divertido e bem disposto. Sempre disponível para tudo” Pergunta 2: “Sim, é uma forma de incentivo ao estudo” Pergunta 3: “Incentiva quando me coloca em projetos que me ajudem a evoluir, como orquestra e grupos”
2	Pergunta 1: “Animado, engraçado, um grande músico ” Pergunta 2: “Sim, pois o professor incentiva ao estudo e ajuda-nos a ter um futuro melhor” Pergunta 3: “Sim, ao tocar comigo incentiva-me a estudar para um dia tocar tão bem como ele, e por vezes levando-me a concurso, pois todos gostam de estudar para ganhar”
3	P1: “ Toca bem , é conversadora, é divertida , ensina bem , simpática ” P2: “Sim, porque se eu não tiver uma boa relação com a professora as coisas não funcionam” P3: “Sim, diz-me para eu estudar mais porque eu sei que se eu não estudar as minhas aulas não correm bem”
4	P1: “As qualidades que eu admiro na minha professora é que ela toca bem , é divertida , explica bem ” P2: “Sim, porque se o aluno não tiver uma relação próxima com o professor pode provocar

	<p>problemas na aprendizagem do aluno”</p> <p>P3: “Sim, ela explica-me como se toca quando eu não sei”</p>
5	<p>P1: “Bom músico, toca bem, simpático, compreensivo, conversador”</p> <p>P2: “Sim, pois uma boa relação irá fazer evoluir tanto tecnicamente como a nível pessoal”</p> <p>P3: “Sim, acompanhando o estudo e dando liberdade para aprendermos com os nossos erros”</p>
6	<p>P1: “Toca bem, dá boas dicas, é divertido e conversador”</p> <p>P2: “Sim, porque assim as aulas são mais divertidas”</p> <p>P3: “Sim, porque ele quer que demos o nosso melhor”</p>
7	<p>P1: “A minha professora é extremamente simpática e divertida, toca muito bem e apoia-me sempre que precisar”</p> <p>P2: “Sim”</p> <p>P3: “Sim”</p>
8	<p>P1: “O professor de oboé é muito simpático, exigente, divertido”</p> <p>P2: “Sim, porque de uma certa forma um professor deve saber sempre o que se passa”</p> <p>P3: “Acho que o meu professor ensina de uma forma divertida, como já disse, e com isso ele ajuda-me muito”</p>
9	<p>P2: “Sim”</p> <p>P3: “Sim, porque ele ajuda-me muito ao nível da musicalidade”</p>
10	<p>P1: “O meu professor toca bem, é simpático, divertido, conversador e honesto”</p> <p>P2: “Sim, para não nos chatearmos e também porque podemos desabafar com ele”</p> <p>P3: “Sim, o meu professor diz que se eu estudar mais poderei atingir os meus objetivos mais rapidamente e por vezes tenta irritar-me para ver se eu para a próxima consigo fazer melhor”</p>
11	<p>P1: “Toca bem, é simpático, divertido, conversador, conselheiro, inteligente”</p> <p>P2: “Sim. Acho que o professor e o aluno devem ter uma relação próxima dentro do respeito para que o aluno se sinta à vontade para falar sobre as várias questões e dúvidas em relação ao que será o futuro do aluno”</p> <p>P3: “Sim. Dá-me força e coragem para encarar as dificuldades e conseguir ultrapassar todas as barreiras”</p>
12	<p>P1: “É divertido, toca bem e é muito incentivador”</p> <p>P2: “Sim, uma relação de amigo mais velho que nos irá ajudar na nossa caminhada musical”</p> <p>P3: “Sim, através de atribuição de peças que nos fazem evoluir”</p>
13	<p>P1: “É um exemplo a nível profissional”</p> <p>P2: “Sim, pois é mais fácil interagir e a confiança é muito importante”</p> <p>P3: “Sim, pois temos projetos e objetivos a alcançar e isso motiva-me”</p>

14	<p>P1: “Penso que ensina bem, é muito simpático, divertido e severo quando deve ser”</p> <p>P2: “Sim, porque se o aluno estiver mais à vontade com o professor não se sentirá tão nervoso”</p> <p>P3: “Sim, porque ajuda-nos a corrigir os erros de imediato e apresenta-nos melhores métodos de estudo”</p>
15	<p>P1: “Não é apenas um professor, mas sim um amigo para a vida. Tem boas ideias musicais, toca bem, é espetacular.</p> <p>P2: “Sim, pois as correm bem melhor”</p> <p>P3: “Sim, é o primeiro a incentivar para masterclass, audições. Quer sempre mais de nós”</p>
16	<p>P1: “É um excelente profissional, simpático e ajuda sempre”</p> <p>P2: “Sim, pois as aulas tornam-se mais divertidas e assim estamos mais motivados”</p> <p>P3: “Sim, ele “puxa” por todos os alunos e quer sempre que demos o nosso máximo”</p>
17	<p>P1: “O espírito de trabalho, a dedicação e o esforço”</p> <p>P2: “Sim, para a confiança, e à-vontade para conversa, métodos de trabalho”</p> <p>P3: “Sim, orientando nas formas, método de trabalho e alertando-me para uma futura entrada na universidade”</p>
18	<p>P1: “A minha professora de instrumento toca bem, é simpática, inteligente, motivadora e profissional”</p> <p>P2: “Sim, porque o facto de haver uma proximidade entre o professor e o aluno influencia o clima da aula e por vezes o incentivo para o estudo”</p> <p>P3: “Sim. Dá palavras de conforto quando a aula não corre bem (...) ela toca para exemplificar”</p>
19	<p>P1: “É simpático, toca bem, é divertido e bom professor”</p> <p>P2: “Sim”</p> <p>P3: “Sim”</p>
20	<p>P1: “É preocupada com os alunos e com a sua aprendizagem, é bastante motivadora e exigente. Toca bem”</p> <p>P2: “Sim, acho que o aluno deve sentir-se seguro e confiante com o seu professor”</p> <p>P3: “Sim”</p>
21	<p>P1: “Toca bem, simpático, exigente”</p> <p>P2: “Sim, facilita a aprendizagem”</p> <p>P3: “Sim, incentiva-me a trabalhar para atingir os meus objetivos”</p>
22	<p>P1: “Toca bem, é simpático, divertido, exigente e incentiva-me a estudar”</p> <p>P2: “Sim, deve ser aberta e amigável”</p> <p>P3: “Sim, ajuda-me quando tenho dificuldades”</p>

23	<p>P1: “O meu professor é muito divertido, toca bem, é simpático e honesto”</p> <p>P2: “Sim, porque assim o nosso professor pode perceber melhor as nossas dificuldades”</p> <p>P3: “Sim, pois fala comigo e tenta ajudar-me nas minhas dificuldades”</p>
24	<p>P1: “A minha professora é muito exigente, toca bem, é simpática e está sempre para o que eu precisar”</p> <p>P2: “Sim, desta maneira talvez se consiga ter um aproveitamento ainda melhor”</p> <p>P3: “Incentiva, apoiando-me e fazendo com que eu gosto da forma como toco”</p>
25	<p>P1: “Toca bem, é simpática, atenciosa e disposta a ajudar”</p> <p>P2: “Sim, porque favorece a aprendizagem. Deve ser aberta e comunicativa”</p> <p>P3: “Sim, ele dá-me exercícios específicos para as minhas dificuldades e incentiva-me a trabalhar para melhorar o meu desempenho”</p>
26	<p>P1: “Eu adoro a minha professora, toca bem e é muito exigente com os alunos. (...) é minha amiga e ajuda-me muito com os meus problemas”</p> <p>P2: “Sim. (...) é como um incentivo para querer continuar a estudar música”</p> <p>P3: “A minha professora incentiva-me muito e quer o melhor nível profissional para mim e por isso é muito exigente, é assim que deve ser um professor”</p>
27	<p>P1: “Além de excelente professora, motivadora, prestável e tocar extremamente bem, é um ótimo ser humano. É como uma “segunda mãe” para mim”</p> <p>P2: “Sim. (...) estamos muito mais à vontade para expor as nossas dúvidas e assim termos um melhor aproveitamento”</p> <p>P3: “Sim, muito. A minha professora é extremamente motivadora, sendo bastante atenciosa e prestável”</p>
28	<p>P1: “É muito bom músico e dá as aulas de um modo que mais ninguém dá”</p> <p>P2: “Sim, pois se isto não acontecer o ensino poderá ser menor”</p> <p>P3: “Sim, no final da aula ele diz sempre para estudar muito”</p>
29	<p>P1: “O meu professor de instrumento é bastante divertido. (...) é uma pessoa honesta, extremamente interessante, conversador e inteligente. Eu admiro o meu professor (...)”</p> <p>P2: “Sim, isso será bastante bom para os alunos. É essencial o aluno ter um ótimo “à-vontade” com o professor”</p> <p>P3: “Sim”</p>
30	<p>P1: “Gosto de como a minha professora se esforça para que eu dê sempre o máximo possível para alcançar os objetivos mais altos”</p> <p>P2: “Sim, pois ajuda a fortalecer o espírito cooperativo que leva a melhores resultados”</p> <p>P3: “Sim, a minha professora incentiva-me no estudo e em dar o meu melhor”</p>

Depois de uma análise detalhada a cada resposta dada pelos alunos envolvidos, conseguimos fazer um levantamento de todas as características consideradas importantes pelos alunos em relação aos professores. Passamos então a enumerar todas essas características: divertido/a; bem-disposto/a; engraçado/a; bom músico; conversador/a; simpático/a; boa capacidade de ensinar; compreensivo/a; inteligente; honesto/a; incentivador/a; exigente; dedicado/a; motivador/a.

Para uma análise mais simplificada sobre os resultados às questões acima indicadas, utilizámos cores para distinguir os adjetivos mais utilizados pelos alunos para caracterizarem os seus professores. A cor **laranja** fica a marcar o atributo “divertido”; a cor **verde** destaca o atributo “bom músico”; a cor **azul** realça o atributo “simpático”; e, por fim, para a cor **rosa** sublinha o atributo “boa capacidade de ensino”.

A maioria dos alunos refere a importância dessas características para a aprendizagem mais fácil e com melhor qualidade, sendo até que alguns deles sublinharam a admiração que nutrem pelo seu professor, vendo-o, em certos casos, como um “amigo para a vida” e, noutros, como uma “segunda mãe ou pai”. De um modo geral, os alunos inquiridos reconhecem a importância que os professores têm na sua vida, muito para além do seu percurso musical e de aprendizagem, até na ajuda da resolução de problemas do seu dia-a-dia.

Assim como podemos comprovar no Grupo I que as respostas roçaram a unanimidade, o mesmo acontece no Grupo II, sendo que a maioria dos alunos respondeu de forma bastante idêntica às três perguntas por nós colocadas.

Podemos então concluir que todos os inquiridos pensam que uma relação mais próxima entre professor e aluno é benéfica para a aprendizagem do instrumento, defendendo que o estar à vontade com o professor na aula é positivo para a aprendizagem, desde logo porque facilita a comunicação entre os dois lados envolvidos no processo.

“A relação do professor com cada aluno é importante para elevar os níveis de rendimento escolar, bem como para melhorar o bem-estar socioemocional” (Lopes/Silva, 2010, p. 66)

8.1.2 Entrevista aos professores

Realizámos a entrevista, em primeiro lugar, à professora cooperante de instrumento (flauta transversal). Já leciona há 16 anos e possui, portanto, uma considerável bagagem na área do ensino. Logo na primeira questão (Que entende por relação professor-aluno?), a docente respondeu de uma forma bastante objectiva, afirmando que, na sua opinião, esta relação é uma fase de desenvolvimento e crescimento, sendo que nenhuma das partes pode existir uma sem a outra. A nossa entrevistada classificou tanto o aluno como o professor como duas partes bastante ativas na construção do conhecimento, tendo sempre noção que cabe ao professor o papel principal, enquanto detentor de maior experiência.

Questionámos também a professora cooperante relativamente ao seu tempo de aluna e sobre aquilo que então mais apreciava num professor. Referiu a importância de um professor que consiga manter um aluno motivado, para que este atinja os seus objetivos, sempre num ambiente saudável e sem imposições ao nível do estudo. Admitiu, por outro lado, valorizar sobremaneira o facto de o professor possuir o dom da palavra, conseguindo, perante os alunos, exprimir claramente algumas partes mais ambíguas e indefinidas que a aprendizagem e a execução musical tantas vezes exigem durante a performance. Recordou também que, ao longo da sua vida enquanto estudante, teve a sorte de se ter cruzado com vários professores que ajudaram na sua formação, fazendo com que a mesma ganhasse uma certa versatilidade para o seu futuro, nos dois âmbitos (instrumentista e docente).

Quando questionada sobre a sua relação com os alunos e a forma como a conduz, a nossa entrevistada respondeu-nos que uma boa relação com os alunos é o objetivo da maioria dos professores. Detalhando, pensa que essa boa relação, também extensível aos pais dos educandos, deverá ser sempre numa conduta onde haja amizade, respeito e trabalho recíproco, pois o sucesso de ambos dependerá sempre da qualidade do trabalho de todos. Afirma, igualmente, que várias vezes se dirige aos seus alunos dizendo-lhes que não é detentora da sabedoria e que a qualidade da arte musical está ligada intimamente à qualidade do trabalho realizado. Revela, enfim, que procura ter uma boa relação com os bons alunos e uma relação ainda melhor com os que apresentam mais dificuldades na aprendizagem do seu instrumento, motivando-os a ultrapassarem as barreiras os bloqueios com que se vão deparando.

Perguntámos-lhe se, durante o exercício da sua profissão, já teria vivenciado situações que a deixassem incómoda ou irritada, ou se sentiu isso nos seus alunos. Respondeu que não. Admitiu que não foi tudo fácil durante os seus 16 anos de profissão, até porque cada aluno é um caso, e por vezes há casos que demoram mais a resolver, no entanto entende que são situações normais da profissão de docente e que todo o processo envolvido na sua resolução a fez crescer enquanto professora. Reconhece que, em relação aos alunos, por vezes uma chamada de atenção, ou um comentário por falta de estudo ou aplicação, pode criar algum incómodo ou irritação, mas diz que, com a aplicação das ferramentas corretas, estas situações tornam-se mais fáceis de solucionar.

De seguida entrevistámos o professor cooperante de música de câmara (orquestra), curiosamente também ele com uma carreira de 16 anos na docência. Na primeira questão que lhe foi colocada (Que entende por relação professor-aluno?), o nosso entrevistado defendeu que deve existir confiança e o dever de partilha. Partilha do conhecimento, de informação, de valores morais e éticos, de responsabilidade. Referiu também que o aluno deve sentir confiança na aprendizagem dos conteúdos e deve ser o professor a instigá-lo, levando-o a ter sentido crítico e a discutir sobre vários pontos de vista a informação pretendida. Defendeu, por último, que esta relação deve ser franca, aberta e de confiança acima de tudo.

Enquanto era aluno – disse-nos –, as características que mais apreciava no(s) professor(es) era a humanidade e a experiência. Lembra que sempre apreciou os professores exigentes, pois, para além da admiração que criavam nele próprio, sentia a paixão que eles tinham pelo ensino, não pretendendo ser mais do que simples seres humanos. Tentavam sempre dar a sua opinião, nunca a impondo, alargando espaço para os debates de ideias, de modo a que cada um se manifestasse de livre vontade, sem pudor ou preconceitos.

Foi-lhe perguntado se, enquanto estudante, teria encontrado esse tipo de qualidades, e respondeu que teve a felicidade de aprender com personalidades marcantes na sua vida e o privilégio de poder trabalhar com grandes pedagogos. A este propósito, recordou que os seus mestres, muito para além da sua extrema qualidade, mantinham sempre presente o sentido de humanidade, o que marcou indelevelmente.

Quando questionado se fomentava uma boa relação com os seus alunos e de que forma o fazia, respondeu que essa boa relação facilita o caminho para o sucesso. Com exigência, trabalho, rigor, disciplina e método. Ressaltou também que, quando planeia conteúdos, tem em

vista o desenvolvimento do aluno e as metas a atingir, sendo importante explicar aos alunos aquilo que é proposto e criar um ambiente saudável na aula. Assim se chega aos objetivos.

Questionado se já teria vivenciado situações, durante o exercício da sua profissão, que o deixassem incómodo ou irritado a si, ou aos seus alunos, respondeu que essas situações podem acontecer quando os objetivos não foram alcançados. Referiu que alunos com mais dificuldades de aprendizagem tendem a ter um comportamento mais lento e alguns revelam desinteresse em relação à disciplina, ou porque não estudam ou porque não se esforçam o suficiente. Obviamente que, em 16 anos a lecionar, estas situações acontecem espaçadamente e cada aluno é diferente do outro, e a relação do aluno com o instrumento também.

Com tantos anos de experiência acumulada, que medidas tomaria actualmente para evitar eventuais “situações desagradáveis” na sala de aulas? – quisemos saber. O professor respondeu-nos que é exactamente estribado nesse acumular de anos de docência que, em situação de crise, rapidamente toma as medidas que a tarimba lhe ensinou serem as mais corretas, de forma a que tudo volte à normalidade.

9. Apresentação de resultados

No decorrer de todo o período de intervenção, o nosso objetivo principal foi criar um laço de união com os alunos com os quais ou sobre os quais trabalhávamos. Na Música, e principalmente no ensino do instrumento, uma área em que os alunos lidam de forma muito próxima e individual com o professor, é difícil obter uma empatia imediata quando lhe é apresentado na vida dos alunos um novo professor, como nós fomos.

Dentro do pequeno grupo que foi alvo da intervenção, principalmente os alunos de flauta transversal, conseguimos concluir que eles encaravam os seus professores um pouco como figuras paternas, conferindo-lhes uma relação tão próxima que os mesmos tornam-se capazes de exprimir todas as suas ideias, receios, desejos, etc. É de notar que, de facto, este tipo de proximidade é mais notória derivado da própria condição deste tipo de ensino, em que praticamente o aluno interage de uma forma bastante direta com o seu professor.

Durante as primeiras aulas que observámos, os alunos envolvidos não se mostravam muito à vontade com a nossa presença, que criou até uma certa timidez em alguns casos. Neste cenário, o objetivo que então nos propusemos foi o de criar uma relação com os alunos que, de algum modo, se pudesse equiparar à relação que eles já tinham com a sua professora.

O papel da professora cooperante nesse momento e o seu comportamento a meu favor foi crucial, pois durante todo o período de observação deu-me a liberdade para interagir com os alunos, deixando-me até lecionar algumas aulas. Este contato mais direto com os alunos levou a que, durante o período de intervenção, a nossa ligação já se apresentasse mais solidificada.

Para facilitar o processo de criação de afeto com os alunos, o diálogo foi determinante. Passámos a conhecê-los de uma forma mais próxima, descobrindo os seus gostos e aquilo que os deixa mais ou menos desconfortáveis. O que é importantíssimo, como cita Freud (1996):

“Somente alguém que possa sondar as mentes da criança será capaz de educá-la e nós, pessoas adultas, não podemos entender as crianças porque não mais entendemos a nossa própria infância”.

Todo este processo foi bastante enriquecedor e interessante para uma melhor percepção de todo o caminho a ser percorrido visando criar uma ligação “especial” com cada um dos alunos. Esta ligação entre ambas as partes só se mostrou benéfica, dado que foi meio caminho

percorrido para que o interesse pelas aulas aumentasse. O primeiro ponto que levámos avante foi conseguir captar a atenção dos envolvidos nas aulas, propiciando a curiosidade pelo instrumento e pela música no seu todo, contribuindo desta forma para uma melhoria no seu empenho escolar. A nossa aproximação aos alunos tinha como objetivo principal, nesta primeira fase, a criação de um incentivo para que se empenhassem mais nos exercícios propostos. Fomos capazes de verificar que, de facto, a esta proximidade está expressamente relacionada com uma prática emocional, como referem os autores Hargreaves et al.:

“Para todos os professores, bons ou maus, centrados no aluno ou centrados nas disciplinas, que planejam ou não, ensinar, assim como outros trabalhos ou profissões que envolvam cuidar de outras pessoas ou prestar serviços, sempre é uma prática emocional. Esta prática é o que cativa, colore e expressa os sentimentos das pessoas e os sentimentos daqueles que com elas interagem (Denzim, 1984). Isto é especialmente verdadeiro para o processo de ensino. O que os professores fazem entusiasma ou aborrece os estudantes” (Hargreaves, Earl, Moore e Manning, 2002, p. 132).

Relativamente ao aumento da motivação conseguimos verificar que algumas características e ações do professor poderiam propiciar o interesse do aluno pelo instrumento. Uma das ações que pensamos ter mais efeitos positivos nos alunos foi a de tocarmos juntamente com ele no decorrer da aula, sendo que os alunos envolvidos na intervenção mostraram sempre interesse e curiosidade em alguns aspetos mais técnicos, como por exemplo o som, dado que nesta faixa etária os alunos ainda não possuem um timbre completamente definido na flauta transversal. Neste sentido, os alunos envolvidos faziam questões como: como é que faz isso? Como eu consigo ter o mesmo som? Posso tentar fazer igual? Nestas questões está implícito que conseguimos criar a curiosidade no instrumento e até uma vontade extra de estudar e evoluir, sendo este um dos pontos que consideramos mais importante e eficiente na fomentação da motivação e vontade de estudar.

A relação mais próxima com o aluno pode incentivar um aluno já desinteressado pelo instrumento?

Esta foi uma das questões mais delicadas com as quais nos deparámos ao longo da intervenção. Com efeito, um dos alunos envolvidos manifestava um certo desinteresse e evidente desmotivação em relação ao objeto de estudo. Depois de algumas conversas mais informais

com ele, percebemos o que gerava tal desinteresse. Infelizmente, apesar dos nossos repetitivos esforços para melhorar a condição do aluno, não o conseguimos cativar eficazmente para o instrumento. Falamos de um aluno num nível um pouco avançado, na faixa dos 14 anos, desmotivado nas aulas, e que já não demonstrava qualquer interesse pelo instrumento. Ao longo da intervenção, o nosso objetivo foi sempre chamar à atenção o aluno para o estudo, com um tipo de abordagem passiva e mais preocupada com o seu bem-estar do que com os resultados, aliviando um pouco a pressão que é perfeitamente normal em alunos do nível em que este se encontra. O aluno melhorou. Não de forma espetacular, mas melhorou. Gostamos de pensar que esta pequena melhoria que verificámos no final do ano poderá ser creditada ao nosso procedimento.

A análise mais detalhada do inquérito foi uma mais-valia para a nossa intervenção, sendo já um guia que nos facilitou um pouco mais a abordagem aos alunos. Levámos também em linha de conta que cada um dos alunos é uma personalidade distinta das outras, diferenciando cada um deles de uma forma bastante peculiar. Depois de apreendermos quais as qualidades mais apreciadas nos professores pelos alunos, tomámos a decisão de personalizar o nosso método de ensino, apostando na abordagem pessoal para cada um deles. Claro que, por si só, a base de uma boa relação entre professor/aluno não se baseia unicamente em nos tornarmos naquilo que cada um dos alunos espera do seu professor, mas é um conjunto de variantes onde o conhecimento sobre o que se está a ensinar e o gosto que se tem pelo ensino são essenciais, como referem os autores Lopes e Silva:

“É fundamental para o professor conhecer bem o conteúdo que ensina, conhecer os alunos e os processos de ensino/aprendizagem. Deve também ter ou desenvolver gosto pelo ensino – o aspecto artístico do seu papel que lhe deve possibilitar envolver os alunos, motivá-los para o conteúdo, estimulá-los, inspirá-los e ainda, e fundamentalmente, comunicar-lhes paixão pela aprendizagem” (Lopes/Silva, 2010, introdução- XV)

Com o grupo de música de câmara (orquestra) desenvolvemos um tipo de interação bastante idêntico, não sendo tão personalizado a nível de abordagem devido, principal e naturalmente, à quantidade de elementos envolvidos. O nosso objetivo principal com este grupo foi sempre o de tentar cativar os alunos para a disciplina. Tivemos continuamente a noção de que o nosso trabalho iria ser um pouco diferente daquele a que os alunos normalmente estão

habituaados com o professor cooperante, por causa da nossa pouca experiênciã com grupos mais numerosos. Concluimos, assim sendo, que a experiênciã que desenvolvemos com este grupo foi de grande aprendizagem para ambas as partes, mas principalmente para nós, pois deparámo-nos com uma forma de ensino à qual não estávamos tão habituaados e, de certa forma, preparados para desenvolver. Também aqui o professor cooperante teve um papel de enorme importânciã no decorrer da nossa intervençã: deu-nos todo o apoio e o acompanhamento essencial para este projeto.

Toda esta interaçã mais prõxima com os alunos envolvidos teve algum efeito positivo na sua aprendizagem? Esta é a questã primordial deste projeto, foi a premissa que lhe esteve na origem. Verificamos que a nossa intervençã possuiu alguns pontos em comum com a pesquisa de Tassoni (2000) onde conseguimos verificar que a relaçã entre professor e aluno está completamente impregnada de afetividade. Verificámo-lo logo durante o período de observaçã, presenciando a relaçã entre a professora cooperante e os alunos envolvidos (aulas individuais de instrumento), onde verificamos grande cumplicidade entre ambas as partes.

A chave para os resultados dos alunos envolvidos nesta intervençã foi principalmente o encorajamento verbal, que funcionou com aliado para ambas as partes, tal como o feedback constante do trabalho que estava a ser realizado. Tendo por base o trabalho de José Lopes e Silva & Helena Santos Silva (2010), seleccionámos, entre outras, um restrito conjunto de ações que passava por questionar os alunos, não nos focarmos na importânciã da classificaçã, ouvir as preocupações e receios dos alunos, utilizar a conversa como meio principal de comunicaçã, e nunca o sermã, ou incentivar o interesse do aluno pelo instrumento. Estes mandamentos foram de elevada importânciã em toda a intervençã e nos bons resultados que conseguimos obter.

As entrevistas realizadas aos professores cooperantes também nos ajudaram a identificar a importânciã que ambos atribuem à relaçã professor/aluno. Conseguimos concluir que ambos os professores consideram que um dos seus objetivos primordiais é construir um ambiente relacional bastante positivo no decorrer das suas aulas, referindo até que essa relaçã se deve estender até aos Encarregados de Educaçã. Atribuem também caraterísticas a esta relaçã, dizendo que a mesma deve ser “franca, aberta e de confiançã”.

10. Conclusão

Depois de termos analisado todos os dados recolhidos, e tentando sempre responder à questão primordial deste projeto, concluímos que a relação do professor com o aluno é um elo primordial no desenvolvimento do educando, tanto ao nível de conhecimento como ao nível pessoal. Como é lógico, cada professor tem a sua própria forma, peculiar e pessoal, de se relacionar com os seus alunos. Diferentemente de outras áreas, o ensino da música, principalmente o ensino do instrumento, é um momento de lide pessoal do professor com cada um dos alunos. A forma de lidar com os alunos está, por isso, muito relacionada com a personalidade do próprio professor e com as suas características, como podemos comprovar anteriormente. Pela nossa experiência durante este projeto e pela forma como se desenvolveu, pudemos verificar que os professores que estabelecem uma relação mais próxima com os seus alunos são capazes de os aliciar para mais para o estudo, como sustenta Nunes (2011):

“Um aluno que sinta no professor alguém que está disposto a ajudá-lo, encontra mais facilmente motivação para desempenhar as suas tarefas e desenvolver a sua aprendizagem” (Nunes, 2011, p. 43)

Também este autor vem comprovar os benefícios de uma relação de proximidade entre o professor e os alunos.

Não podemos deixar de frisar que a tentativa de entender os alunos de uma forma mais pessoal, mostrando disponibilidade para compreender ou apenas ouvir alguns dos seus receios, assuntos familiares ou até de saúde, tornou-nos, muito provavelmente, mais capazes para lidarmos com eles. Em certo sentido, conseguimos que os alunos experienciassem a sala de aula como um lugar confortável e seguro e percebessem que estavam ali porque queriam e gostavam, e não por causa da típica obrigação de irem às aulas. Tomemos como exemplo o caso da aluna que, durante o período na nossa intervenção, foi acometida pelo que aparentava ser uma paralisia facial, situação dramática e potencialmente traumatizante, sobretudo em tão tenra idade. O nosso procedimento passou, desde logo, por iniciar o diálogo, tentando, sem forçar respostas, compreender o que poderia estar na origem desse acontecimento. A nossa ideia era, na posse da melhor informação possível, mantendo a calma, para tentar perceber se poderíamos ajudar de alguma forma a aluna ou se tratava de um caso médico, minimizando as possibilidades de repetição do episódio. Percebemos que a paralisia teve a sua origem num

elevado nível de stress provocado pelo que a aluna sentia em relação às exigências. Este conhecimento ajudou-nos, a partir daí, a tratar a aluna de forma a evitar a ansiedade.

É importante salientar que nós, os professores, não possuímos o poder de controlar o interesse que o aluno possa ter pelo objeto de estudo - neste caso, o instrumento. Somos apenas um dos elementos envolvidos neste apaixonante processo. O interesse e o empenho estão alicerçados na livre vontade do aluno, sendo este sempre influenciado, evidentemente, pelo professor.

Uma das conclusões mais importantes a que chegámos neste processo e neste trabalho foi a de que muitos alunos encararam alguns professores como uma espécie de figura paternal. Verificámos cabalmente esta situação com o aluno mais novo envolvido na intervenção. Já no período de observação, consegui ver, sem margem para dúvidas, que o aluno encarava a professora cooperante de uma forma significativamente maternal, depositando nela total confiança. Portanto, será bom ter presente este facto em futuras relações interpessoais com alunos que apresentem esta característica.

Por último, a questão: devemos ser sensíveis aos problemas dos alunos? Acompanhar os alunos a nível emocional, percebendo o que os motiva, o que lhes mete medo no seu dia-a-dia, ajudou-nos a percebê-los melhor, a conseguir motivá-los no seu estudo. Por outro lado, criámos um ponto de segurança emocional onde cada um dos envolvidos se sentia à vontade para falar de todos os assuntos que os podiam estar a incomodar, construindo, desta forma, o ambiente relacional que os autores Lopes e Silva (2010) idealizam na sua obra.

O nosso projeto teve algumas limitações ao longo do seu percurso, visto que para encontrarmos uma forma mais eficaz de ensinar e motivar os alunos teríamos que pô-los à prova, confrontando-os com diferentes abordagens ao nível comportamental, apresentando aos alunos uma atitude mais rígida, rigorosa, outra mais carinhosa e atenciosa, etc. Estes tipos de comportamentos da nossa parte poderiam criar uma sensação de “experiência” com os alunos e realmente esse não seria o nosso objetivo.

Por outra parte, o número de alunos envolvidos na intervenção ao nível das aulas de instrumento foi bastante reduzido, e o trabalho com só três alunos é um número pequeno para obter resultados sólidos e verdadeiramente representativos.

11. Bibliografia

Cornelius-White, J. (2007). *Lerner-centered teacher-student relationships are effective: a meta-analysis*. Review of Educational Research, 77(1), 113-143.

Costa, Raquel Campos (2012). *A interação professor/aluno nas aulas individuais de instrumento de cordas*. Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau Mestre em Ciências da Educação, Música.

Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

Dantas, H. (1992). *Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus Editorial Lda.

Davidson, J. W., Moore, D. G., Sloboda, J. A. & Howe, M. J. (1998). *Characteristics of music teachers and the progress of young instrumentalists*. Journal of Research in Music Education, 46 (1), 141-160.

Estrela, M. (2010). *Profissão Docente*. Porto: Areal Editores.

Freire, P. (1999). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Edição 25. São Paulo: Paz e Terra.

Freud, S. (1996). *A história do movimento psicanalítico*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

Gaunt, H. (2008). *One-to-one tuition in a conservatoire: the perceptions of instrumental and vocal teachers*. *Psychology of Music*, 36 (1), 215-245.

Hargreaves, A., Earl, L., Moore, S., e Manning, S. (2002). *Aprendendo a mudar*. Porto Alegre: Artmed.

Leite, S. A. S. & Tagliaferro, A.R. (2005, julho/dezembro). *A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível*. *Psicologia Escolar e Educacional*, 09 (02), 247-260.

Leite, S. & Tassoni, E. (2002). *A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor*. *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lopes, J. & Silva, H. S. (2010). *O Professor Faz a Diferença: Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos*. Lisboa. Lidel

Maturana, H. (2001). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.

Negro, T. C. (2001). *Afetividade e Leitura: a mediação do professor em sala de aula*. Monografia, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas

Nunes, O. (2011). *Como pode a relação professor-aluno potenciar a aprendizagem da economia numa turma do 10º ano de escolaridade*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade. Universidade de Lisboa.

Postic, M. (1984). *Relação Pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora Lda.

Presland, C. (2005). *Conservatoire student and instrumental professor: the student perspective on a complex relationship*. British Journal of Music Education, 22 (3), 237- 248.

Ribeiro, A. (1992). *Relação educativa*. In Campos, B.P. (Coord.), Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens, Vol. I (133-158). Lisboa: Universidade Aberta.

Rutter, M. (1987). *Continuities and discontinuities from infancy*. Em J. D. Osofsky (ed.), Handbook of infant development (2ªed). New York: Wiley-Interscience.

Siqueira, D. (2003). *Relação professor-aluno: uma revisão crítica*. Disponível em: http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/97_33.pdf.

Tassoni, E. C. M. (2000). *Afetividade e aprendizagem: a relação professor – aluno*. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG. Disponível no site: www.anped.org.br/textos/2019t.PDF, recuperado em 07/08/2006.

Trindade, R. (2009). *Escola, Poder e Saber: A relação pedagógica e debate*. Porto. Livpsic.

Vygotsky, L. S. (1994). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins.

Wallon, H. (1968). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70.

12. Anexos

Anexo I – Textos redigidos pelos alunos de flauta Transversal

Professor ou professora. Esta palavra para mim é muito importante. É quase como "mãe" ou "pai".

Sem eles não somos nada, somos inúteis, pois são eles que nos ensinam a ler, a escrever, a cantar e neste caso a tocar.

Devemos-lhes a vida pois sem eles nada seria possível. As vezes berçam e ralham mas é só para nos levar no caminho certo para ^{seguiamos} a nossa vida.

É assim que eu acho que os professores são para mim.

Para mim, o professor é aquele que nos transmite conhecimentos, é aquele que nos diz o que está certo ou errado e é principalmente aquele que nos orienta no nosso estudo.

O professor deve-nos sempre cativar para a sua disciplina e para o estudo, chama a atenção quando erramos ou não estudamos.

O professor tem um papel importante na nossa vida de estudante, uma vez que é ele que nos ajuda a chegar mais longe e a alcançar os nossos objetivos, é ele que nos ajuda a preparar um futuro melhor.

Eu gosto das minhas aulas, principalmente quando toco bem!
Vou admitir, não gosto de tocar com o pianista, pois as
notas baralham-se e acaba por sair tudo ~~do~~ ^{mal}.

Por vezes estudo mais e outras menos e quando estudo menos
as minhas aulas são terríveis, principalmente porque a profes-
sora faz aquela sua cara feia, por isso comecei a estudar
mais, mas isso também é culpa do pianista, porque ele
toca muito depressa e como eu disse eu baralho-me toda.

Eu tive muita sorte ser aluna da professora Irene, pois ela
é meiga e ajudou-me bastante ao longo destes anos. A minha
professora toca muito bem flauta transversal, espero que quando
for maior toque tão bem como ela, e para isso preciso de
estudar, e com a ajuda da professora, e, se as aulas forem
como têm sido até agora acho que vou num bom caminho.

Então é isto, o que tenho para dizer é que gosto muito das
minhas aulas e da minha professora, e espero que seja sem-
pre assim.

Anexos II – Inquéritos realizados pelos alunos

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 18
Instrumento: Trombone

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Divertido e bem disposto. Sempre disponível para tocar

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, em manter o interesse do aluno

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Incentiva bastante no trabalho em pequenos grupos e em aulas, reuniões individuais e grupos.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 14
Instrumento: Toambone

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Animado, engraçado, um grande músico.

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois o professor incentiva ao estudo e ajuda-os a ter um futuro melhor.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, ao tocar comigo incentiva-me a estudar para um dia tocar tão bem como ele e por vezes levanda-me a um curso, pois todos gostam de estudar para ganhar. ☺

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 10 anos
Instrumento: Flauta transversal

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Toca bem, é conversador, é divertido, toca bem, às vezes é simpática e outras não.

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque se eu não tiver uma boa relação com a professora as coisas não funcionam.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, diz-me para eu estudar mais, porque eu sei que se eu não estudar as minhas aulas não correm bem.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 12
Instrumento: flauta transversal

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

As qualidades que eu admiro na minha professora é que ela toca bem, é divertida, explica bem e muitas mais coisas.

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque se o aluno não tiver uma relação próxima com o professor pode aparecer problemas na aprendizagem do aluno.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, ela explica-me como se ~~faz~~ toca quando eu não sei.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 17

Instrumento: Clarinete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Boa música, toca muito bem, simpático, agradável, conversador

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois uma boa relação irá fazer com que tanto o professor como o aluno possam ser mais felizes.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, acompanhando o estudo e dando liberdade para aprenderem com os próprios erros.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 12
Instrumento: Clarinete

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Toca bem, dá boas dicas, é divertido e conversador

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque assim as aulas são mais divertidas.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, porque ele quer que dêmos o nosso melhor.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 14
Instrumento: Flauta transversal

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

A minha professora é extremamente simpática e divertida, toca muitíssimo bem e apoia-me sempre que precisar.

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 13 anos
Instrumento: Oboé

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

O professor de Oboé é muito simpático, sendo algumas vezes muito exigente, ele é muito divertido, porque ensina-nos coisas novas de forma divertida. Gosto muito do meu professor.

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque de uma certa forma um professor deve saber a que se passa etc.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Acho que o meu professor de uma forma divertida, como já disse, e com isso ele ajuda-me muito, por exemplo, nas partes técnicas etc.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 17
Instrumento: Saxofone

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, a relação que eu já tenho com o meu professor.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, porque ele ajuda-me muito ao nível da musicalidade.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 14 anos
Instrumento: Clarinete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

O meu professor toca bem, é simpático, divertido, conversador e honesto.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim acho, pois é importante ter uma boa relação com o professor para não nos desanimarmos e também para podermos desfrutar com ele.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, o meu professor não quer que eu desista e para isso procura atingir os meus objetivos mais rapidamente e por vezes dá-me tarefas a fazer em casa para a próxima aula para fazer prática.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 19
Instrumento: Clarinete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Toca bem; é simpático; divertido; conversador;
conselheiro; Inteligente. Basicamente tem tudo
o que considero necessário a um professor.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim. Acho que o professor e o aluno devem ter uma relação próxima dentro do respeito para que o aluno se sinta à vontade para falar sobre as várias questões e dúvidas em relação ao que será o futuro académico do aluno.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim. Dá-me força e coragem para encarar as dificuldades e conseguir ultrapassar todas as barreiras.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 16

Instrumento: clavinate em si bemol

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

É divertido, toca bem e é muito incentivador

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, uma relação de amigo mais velho que nos irá ajudar na nossa caminhada musical

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, através de atribuição de peças que nos fazem avaliar

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 16
Instrumento: saxofone

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

É um exemplo o nível profissional.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois é mais fácil interação e a confiança é muito importante

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, pois tem projetos e objetivos a atingir e isso motiva-me

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 12 anos
Instrumento: Oboé

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Pensa que assim tem. É muito simpático e divertido, e sempre
quase de sempre.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque se o aluno estiver mais à vontade com o professor,
isso de qualquer que maneira, e dizer se tem alguma
problema.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, porque ajuda-me a ganhar os espaços de imitação, e aprendo com
melhores métodos de estudo.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 17 anos
Instrumento: clarinete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Não é apenas um professor mas sim um amigo para a vida. Tem boas ideias musicais, toca bem, é espetacular.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois as coisas correm bem melhor

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, é o primeiro a incentivar para masterclass, audição, entre outras.
Quem sempre mais de nós.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 17
Instrumento: Clarinete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

É um excelente professor, simpático e ajuda sempre

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois as aulas tornam-se mais divertidas e assim estamos mais motivados.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, ele "puxa" por todos os seus alunos e quer sempre que demos o nosso máximo.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 18 anos
Instrumento: Clarinete

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

O espírito de trabalho, a dedicação e o esforço

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, para a confiança, e a vontade para conversa, métodos de trabalho

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, orientando na forma, método de trabalho e ajudando-me para uma futura entrada na universidade

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 13
Instrumento: Flauta Transversal

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

A minha professora de instrumento toca bem, é simpática, inteligente, motivadora e profissional.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque o facto de haver uma proximidade entre o professor e o aluno influencia o clima da aula e por vezes o incentivo para o estudar.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim. A minha professora incentiva-me a estudar dando palavras de ~~encorajamento~~ conforto quando é a aula não corre bem porque eu ^{às vezes} não estudo e para eu ter uma evolução no meu instrumento, esta toca a exemplificar.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 13
Instrumento: Guitarra

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

É simpático, toca bem e é divertido e conversador
enfim

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, ele me faz com perguntas e respostas

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 15 anos
Instrumento: flauta transversal

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

É muito preocupada com os alunos e com a sua aprendizagem, é bastante motivadora e exigente, toca muito bem e sabe como é o que dizer aos alunos.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, acho que um aluno deve sentir-se seguro e confiante com o seu professor.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, mostrando que há ~~alguns~~ alunos com um melhor nível ^{que eu} por isso ainda tenho de lutar para ter um futuro como espero.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade:	15 anos
Instrumento:	Trompete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Toca bem, simpática, exigente.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois, de certa forma, facilita a aprendizagem.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, incentiva-me a trabalhar para atingir os meus objetivos.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 14
Instrumento: ~~Saxofone~~ Saxofone

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Toca bem, é simpática, divertido, exigente e incentiva-me a estudar.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, a relação aluno-professor deve ser aberta e amigável.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, pois ajuda-me quando tenho dificuldades.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 12 anos
Instrumento: Clarinete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

O meu professor é muito divertido, toca bem,
é simpático e honesto.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque assim o nosso professor pode perceber
melhor as nossas dificuldades.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, ~~porque~~ pois já lá consigo e ~~me~~ tenta ajudar-me
nas minhas dificuldades.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 12
Instrumento: Flauta Transversal Transversal

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

A minha professora é muito exigente
toca muito bem, é simpática e está
sempre para o que eu precisar

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Acho que sim pois desta maneira
talvez se consiga ter um aproveitamento
ainda melhor.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

incentiva, apoiando-me e fazendo
com que eu goste da forma como toca

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 14
Instrumento: Flauta transversal

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Tea tem, é simpática, abneicosa e despois a ajudar.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, porque favorece a aprendizagem. A relação professor-aluno deve ser aberta e comunicativa.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, ela dá-me exercícios específicos para os membros difíceis e incentiva-me a melhorar bastante para melhorar o meu desempenho.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: <u>15</u>
Instrumento: <u>Flauta transversal</u>

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Eu adoro a minha professora, toca muito bem e é muito exigente com os alunos. A minha professora, além disso, é minha amiga e ajuda-me muito com os meus problemas (familiares, amigos e no percurso musical).

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, acho importante. Ter uma boa amizade com a professora e gostar muito dela é como um incentivo para querer continuar a estudar música.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

A minha professora incentiva-me muito e quer o melhor a nível profissional para mim e por isso é muito exigente, é assim que deve ser um professor.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 16
Instrumento: Flauta transversal

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Além de uma excelente professora, motivadora, prestável e tocar
extremamente bem, é um ótimo ser humano. É como uma
"segunda mãe" para mim.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim. Se tivermos uma relação próxima com o professor estamos
muito mais à vontade para expôr as nossas dúvidas e
assim temos um melhor aproveitamento.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, muito. A minha professora é extremamente
motivadora, sendo bastante atenciosa e prestável.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 12
Instrumento: Saxofone

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

É muito bom músico e dá os aulas de um modo que mais ninguém dá

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois se está mais confortável e o ensino poderia ser melhor

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, no final da aula ele diz sempre pouco ou nada de mais

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 13 anos
Instrumento: Clarinete

Grupo I

- Gostas de estudar música? Sim Não
- Gostas do teu instrumento? Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
- Gostas do teu professor/s? Sim Não
- Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
- Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

- Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

O meu professor de instrumento é bastante divertido!
Tem muitas qualidades que admira: é uma pessoa
honesta, extremamente interessante, conversador e
inteligente. Eu admira o meu professor e não quero
e nunca pensei em (tão pouco) trocar de professor,
pelo contrário, espero que os anos que estarei
com ele passem muito devagar.

- Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Quero que sim, pois isso não é bastante comum
para nós (alunos). É essencial o aluno ter um
relação "à vontade" com o professor.
O "ótimo" "à vontade" com o professor.

- O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

O meu professor de instrumento sempre me
incentiva e espera que assim continue. O
professor deve sempre ajudar os alunos a
estudar, incentivando - lú, por exemplo, a ir
a concertos, masterclasses, etc.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

INQUÉRITO - ALUNOS

Idade: 15

Instrumento: Flauta Transversal

Grupo I

1. Gostas de estudar música? Sim Não
2. Gostas do teu instrumento? Sim Não
3. Já alguma vez pensaste em trocar de instrumento?
Sim Não
4. Gostas do teu professor/s? Sim Não
5. Tens boas memórias dos teus professores ao longo do tempo em que estudas?
Sim Não
6. Já alguma vez pensaste em trocar de professor?
Sim Não

Grupo II

1. Que qualidades admiras no teu professor de instrumento? (Por exemplo: toca bem; é simpático; divertido; conversador; etc).

Gosto da de como a minha professora se esforça para que eu dê sempre o máximo possível para alcançar os objetivos mais altos. Na minha opinião é não só uma excelente professora, como também é amiga dos alunos e é uma ótima flautista.

2. Achas importante uma relação mais próxima entre professor e aluno? Se sim, de que forma?

Sim, pois ajuda a fortalecer o espírito cooperativo que leva a melhores resultados.

3. O teu professor de instrumento incentiva-te no estudo e na tua evolução no instrumento? De que forma achas que ele o faz?

Sim, a minha professora incentiva-me no estudo e em dar o meu melhor.

Obrigada pela colaboração

Ana Magalhães

Anexo III – Entrevistas realizadas aos professores cooperantes

Nome: Ivone Fernandes

Anos de docência: 16 anos de Serviço

1. Que entende por relação professor-aluno? Por favor, responda de forma ampla.

Na minha opinião, a relação professor-aluno trata-se de uma fase de desenvolvimento e crescimento, sendo que nenhuma das partes tem sentido de existir sem a outra. Tanto o aluno como o professor deverão ser sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento, cabendo ao professor ter o papel principal enquanto detentor de maior experiência.

2. Que características apreciava num professor na sua época de discente?

Sempre apreciei aquele professor que conseguia fazer com que o aluno estivesse motivado e atingisse os objetivos propostos num ambiente saudável, sem imposições ao nível do estudo. Também considero importante que um professor deva ter o dom da palavra, para que consiga perante os alunos exprimir aquela parte tão ambígua e indefinida que a aprendizagem e execução musical tantas vezes nos implica durante a performance.

3. Enquanto estudante encontrou esse tipo de qualidades em algum docente?

Felizmente, durante a minha formação foram vários os professores responsáveis pela mesma. Considero de certa forma vantajoso, pois foram várias as linhas de conhecimento adquiridas o que permitiu ganhar uma certa versatilidade para o futuro, quer como instrumentista, quer como docente.

4. Tenta fomentar uma boa relação com os alunos? Se sim, de que forma?

Presumo que deva ser o objetivo de cada professor. Contudo essa boa relação, também extensível aos responsáveis pelo(s) aluno(s), deverá ser sempre numa conduta onde haja amizade, respeito e trabalho recíproco, pois o sucesso de ambos, dependerá sempre da qualidade do trabalho de todos. Aos meus alunos, várias vezes sublinho que não sou detentor da

sabedoria e que a qualidade da arte musical está ligada intimamente à qualidade do trabalho realizado. Procuo ter uma boa relação com os bons alunos e uma relação ainda melhor com os alunos que apresentam mais dificuldades, motivando-os a ultrapassar as dificuldades.

5. Já vivenciou situações, durante o exercício da profissão docente, que deixassem incómodo ou irritado a si, ou aos seus alunos? Se sim, quais?

Situações que causassem incómodo e/ou irritação, penso que não. Agora que durante estes 16 anos não foi tudo fácil, não foi. Cada aluno é um caso e por vezes existem casos que demoram mais a resolver que outros, no entanto acho que são situações normais da profissão docente e que a sua resolução nos fazem crescer enquanto professores, de dia para dia. Em relação aos alunos por vezes uma chamada de atenção, ou um comentário por falta de estudo ou aplicação de sua parte, não quer dizer que não crie algum incómodo ou irritação, mas com a aplicação das ferramentas corretas, penso que são situações fáceis de solucionar.

6. Com a sua experiência atual, tomaria medidas para evitar certas situações desagradáveis? Se sim, quais?

Na minha opinião, as medidas a tomar em situações desagradáveis, vão surgindo mediante o aparecimento das próprias situações. Não é um assunto que me ocupe muito o pensamento pois não estou à espera que aconteçam situações inóspitas, no entanto quando surgem terão que se resolver da melhor forma. Acho que com o acumular dos anos, os docentes vão criando uma certa “bagagem” que permite cada vez com mais facilidade ir superando as peripécias do dia-a-dia.

Nome: José Ricardo Freitas

Anos de docência: 16 anos de Serviço

1. Que entende por relação professor-aluno? Por favor, responda de forma ampla.

Na relação professor - aluno, deve existir confiança e o dever de partilha. Partilha do conhecimento, informação, de valores morais e éticos, de responsabilidade. O aluno deve sentir confiança na aprendizagem dos conteúdos e o professor deve instigá-lo, levá-lo a ter sentido crítico e discutir sobre vários pontos de vista a informação pretendida. Pretende-se que a relação seja franca, aberta e de confiança.

2. Que características apreciava num professor na sua época de discente?

A sua humanidade e a sua exigência. Sempre apreciei os professores exigentes, pois para além da admiração que criavam em mim, sentia a sua paixão pelo ensino e não querendo ser mais do que simples seres humanos, nos davam a sua opinião, nunca querendo impor a opinião deles, davam espaço para os debates de ideias de modo que cada um se manifestasse de livre vontade, sem pudor ou preconceitos.

3. Enquanto estudante encontrou esse tipo de qualidades em algum docente?

Sim, tive a felicidade de encontrar personalidades marcantes na minha vida e o privilégio de poder trabalhar com grandes pedagogos. Além da sua extrema qualidade, a sua humanidade está sempre presente o que me marcou indelevelmente.

4. Tenta fomentar uma boa relação com os alunos? Se sim, de que forma?

Obviamente, só assim é mais fácil o caminho para o sucesso. Com exigência, trabalho, rigor, disciplina e método. Quando planeamos os conteúdos, temos em vista o desenvolvimento do aluno e metas a atingir, é importante explicar aos alunos o que será proposto e criar um ambiente saudável á sua volta de modo a que atinja os seus objetivos.

5. Já vivenciou situações, durante o exercício da profissão docente, que deixassem incômodo ou irritado a si, ou aos seus alunos? Se sim, quais?

Situações que causassem incômodo e/ou irritação, são motivadas quando os objetivos não foram alcançados. Alunos com mais dificuldades de aprendizagem tendem a ter um comportamento mais lento e alguns revelam um desinteresse em relação à disciplina, ou porque não estudam, ou porque não se esforçam o suficiente. Obviamente que em 16 anos a lecionar, estas situações acontecem espaçadamente e cada aluno é diferente de outro e a sua relação com o instrumento também.

6. Com a sua experiência atual, tomaria medidas para evitar certas situações desagradáveis? Se sim, quais?

No exercício das minhas funções, não estou a contar com as ditas “situações desagradáveis”, pois com o acumular dos anos e com a experiência adquirida, se porventura algo de menos bom aparecer, rapidamente tomo as medidas que julgo serem as mais certas de modo a que tudo volte à normalidade.